

Ano I—N.º 48

4 Julho 1934

Preço 1 Esc.

# Reporter.

Semanário das grandes reportagens



*a amante*

*do fidei*



*siass*



# reporter

## semanário de maior tiragem e expansão em Portugal

Grande reportagem e crítica a todos  
os acontecimentos de sensação  
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda  
simultaneamente em todo o país

Propriedade exclusiva de C. Cal

Director e Editor

**REINALDO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Chefe da Redacção  
**MARIO DOMINGUES**

Redacção, Administração e Publicidade  
**ROSSIO, 3, 3.º—TELEFONE: 2 5442-LISBOA**  
Ead. Telegr.: **REPORTERX-LISBOA**

Delegação no Porto  
**R. DA FÁBRICA, 11, 2.º—TELEFONE: 4353**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
Bertrand (Irmãos), Ltd.ª,  
Travessa da Condessa do Rio, 27 - Lisboa

### TABELA DE PREÇOS

3	meses—série de 12 números—Esc.	118\$0
6	" " " 25 " "—Esc.	228\$0
12	" " " 52 " "—Esc.	448\$0

Para os colónios e estrangeiro acrescentem os respectivos portes

Pagamento adiantado

## BREVEMENTE

O MAIS SENSACIONAL E  
BRILHANTE SEMANÁRIO  
DO CRIME E SUAS VARIANTES

# Detective X

Dirigido por **REINALDO FERREIRA**

O inimitável **REPORTER X**

## BREVEMENTE

## BREVEMENTE

Aproveitem enquanto é tempo

# CALÇADO

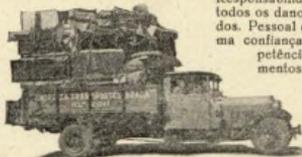
Em liquidação de grandes  
«stocks» de Fábricas Ma-  
nuais do Norte do País

**RUA DA PALMA, 132**

DESCONTOS PARA REVENDA

# MUDANÇAS

Rua dos Correios, 28



Responsabilidade por  
todos os danos causa-  
dos. Pessoal da máxi-  
ma confiança e com-  
petência. Orça-  
mentos grátis.

Telef.  
2 1249

**Empresa TRANSPORTES BRAGA**

Deite fóra todas essas aguas, gotas, szcites e  
tantas outras drogas que lhe têm impingido  
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua  
bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empre-  
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.  
Constatará que é só

# Komol

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,  
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe  
em sua casa e sem auxilio de ninguém, resti-  
tuir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**  
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-  
guem conhecendo que foram pintados.

**CAIXA 25\$00**

A venda nos melhores estabelecimentos. Re-  
presentante M. CABRAL — R. Camilo Castelo  
Branco, 20, Telefone N. 3831.— Depositário —  
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 —  
Telefone 2 1415 — Agente no Porto — A.  
QUADROS Jr.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

# HOMENS E FACTOS DO DIA

TIVE há dias o prazer de abraçar aqui em Lisboa o meu querido amigo dr. Júlio Vasques, director da *Região Duriense*, esse admirável pioneiro do Douro, sempre do Douro enamorado, seu defensor acérrimo e consciente, e que em todas as emergências o Douro encontra alerta e vigilante, na primeira fila dos seus combatentes.

Acompanhavam Júlio Vasques o dr. António de Carvalho, o dr. Armando do Amaral, o dr. Artur de Magalhães e mais outras individualidades representantes dessa riquíssima região do precioso nectar, hoje debatendo-se em pavorosa crise.

E que veio essa gente fazer a Lisboa, a esta grande aldeia de «muytas e desvairadas gentes», a este Terreiro do Paço esfingico e nostálgico, onde só há de bronze o cavalo de D. José?

Reclamar! Mais uma vez e sempre, hoje como ontem, como há vinte, há trinta, há quarenta anos, reclamar!

\*\*\*

Veio o Douro a Lisboa reclamar. Reclamar o que?! Reclamar porque?! E com razão?! Sem razão?!

O Douro, infelizmente para nós, para ele e para o País, reclama sempre com razão.

Eu li a reclamação de agora. Li e achei bem, que formidável documento é este, feito quem sabe o que diz, o que pensa e o que quer. E, no entanto, querem, afinal, tão pouco! Que deixem viver o Douro no seu regime de excepção, que não lhe anulem esse regime especial, que não lhe alterem os seus actuals organismos. Tão pouco, isto!

E sendo tão pouco, o Douro tem razão. O seu regime de excepção é a salvação justa, lógica, indispensável, duma das maiores riquezas do País. Desfazê-lo é trair esse interesse, é prejudicar gravissimamente o País.

\*\*\*

UMA pessoa do Porto, que tem forçosamente que ser inteligente, porque é pessoa delicada, e as pessoas ativas e corajosamente delicadas são sempre inteligentes, escreveu-me uma carta, assinando-a — assinando-a, senhores!, o que neste País, onde proliferam certos safados amadores da carta anónima, quasi nunca se fez —, e queixando-se-me de que o emulo, no Porto, do sr. Carlos Pereira, da Companhia das Águas, de Lisboa, «orta a água de fontes sem prévio aviso, limita o consumo da água à sua vontade, e nem sequer à Câmara obedece. Lindo, admirável cavalheiro. Merece uma estátua na Avenida dos Aliados. Para cúmulo, dá por seis escudos, em vez de 150 litros de água, somente cem. Vá lá, que podia ser pior. Nós aqui entrámos já no regime de conta-gotas. Abre-se a torneira e ouve-se logo o barulho do ar comprimido: — *pufl!... pufl!... pufl!*... — que até parece a máquina do «rápido» a fazer vapor.

Mas isto será do lugar ou das águas? Se calhar é das duas coisas juntas. E depois façam semanas de higiene, com água a seis

escudos os cem litros... hipotéticos como a cor amarela das luvas pretas do sr. Alfredo Pimenta...

FREI GIL DE ALCOBOÇA

## O Detective X

será a primeira e a mais importante publicação no seu género

A notícia que no nosso número anterior publicámos sobre a próxima publicação de um novo jornal de grande reportagem de assuntos de crime e suas variantes causou nos nossos leitores uma impressão de agrado que foi além da nossa expectativa.

Recebemos algumas cartas de assinantes, de leitores aplaudidos e até de agentes de investigação, aplaudindo com entusiasmos a iniciativa desse novo género de jornalismo em Portugal. De uma dessas cartas, assinada por uma pessoa muito conhecida nos meios diplomáticos, cujo nome, a seu pedido, não revelamos, respignamos os seguintes períodos: «Aplaudo a mãos ambas a sua ideia. Passei, como sabe, o melhor da minha vida em alguns dos mais civilizados países da Europa. E precisamente nesses países onde a literatura policial é mais sófregamente lida, dando ensejo a publicações periódicas e não periódicas, de todos os tamanhos e feitios, *Das Kriminal Magazine* é uma revista mensal alemã, dirigida pelo escritor inglês Edgard Wallace, o rei dos novelistas policiais, onde a Polícia muito aprende de útil para o seu mister; em Paris publicam-se dois semanários com tiragens colossais — *O Detective* e o *Police Magazine* —, e a sociedade francesa deve, pelo menos ao primeiro, a descoberta de alguns criminosos que o mistério parecia tornar indescifráveis; a Inglaterra late o record das revistas e magazines policiais, e até aquelas gazetas que não são propriamente policiais inserem, com frequência, assuntos desse género. Você, Reinaldo, publicando o *Detective X*, você que já deu provas da sua sagacidade como repórter do crime, arrancando da sombra alguns criminosos (lembro-me agora de Augusto Gomes, que v o c é corajosamente desmascarou), presta à sociedade portuguesa

um inestimável serviço.

Alonga-se ainda o nosso illustre amigo em incitamentos e considerações judiciosas, que a tirania do espaço nos impede de reproduzir.

Pedindo ao nosso amável correspondente que acalme a sua impaciência, vamos-lhe dando algumas informações sobre o futuro *Detective X*. Terá o formato vulgar dos jornais alemães, com oito páginas profusamente ilustradas, e occupar-se-á dos grandes crimes, furtos e mistérios policiais ocorridos em todo

o mundo, dando, é claro, aos assuntos portugueses o vulto que merecem. Terá coristas, recrutados entre os melhores jornalistas profissionais especializados no género crime, em Madrid, Paris, Roma, Londres, Berlim, Moscow, Varsóvia, Nova York, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Chicago, Shangi e Tokio. Dos jornalistas portugueses que mais se têm salientado na reportagem crime, escolheremos um grupo de «azes» para nossos colaboradores. E contamos que as autoridades nos dispensem as facilidades e a simpatia de que gozamos em toda a parte as publicações desta natureza.



— «Não queres morrer? Lê O Detective X...»

## INFANTILIDADE...



— Seu brincalhão!... Meta a lingua para dentro...



# A rainha dos "cabarets," de Nova-York

A rainha dos «cabarets» de Nova York, em 1888 Texas Guinan, quis vir assombração à Europa com o seu famoso grupo de «girls», lindas e endiabradas mulheres que endoidavam os «yankees» em estúrdias no turnas, em folias bregeiras, que atingiam um delírio exagerado, um delírio que nem Paris — a capital da alegria — lograva atingir. Texas Guinan alcançara a fortuna e celebridade graças à podridão dourada dos clubs, onde se dançava, onde se comia, onde se admirava a plástica perturbante de «girls» e «coupletistas» de todas as nações. Mas, sabe-se que a chave misteriosa que abria o cofre de segredo da sua grande fortuna estava nas mãos de Al Capone. É que, digamo-lo aqui em segredo aos nossos leitores, Al Capone era o fornecedor dos «molhados» com que Texas Guinan, nos seus vinte «cabarets» nocturnos, refrescava a beleza já bastante fresca das suas «girls» e a guela sequeiosa dos seus clientes.

Pois Texas Guinan concebera um plano banal, quasi inofensivo: fundar em Londres e em Paris «cabarets» semelhantes aos que já possuía em Nova York. Mas a Inglaterra, a púdica Albion, fechou-lhe as portas, recusando-lhe a entrada, e quando ela, despeitada, seguida do seu séquito bulicoso, se dirigia para Paris, as autoridades francesas, tomadas de um pudor que os mil «cabarets» parisienses põem em dúvida, não a deixaram passar do Havre.

Falhou o seu plano, que abrangia horizontes muito maiores do que aqueles que nos deixaram entrever algumas linhas dos jornais estrangeiros, Berlim, Viena, Marselha, Barcelona, Madrid e Lisboa também figuravam no seu programa. Mas...

## A odisséia de uma creada de servir

Mas abramos um parêntesis para contar uma história vulgar, que parece não colidir, nem de perto nem de longe, com o caso de Texas Guinan.

Em Maio de 1903, respondendo a uma carta que lhe dirigira D. Júlia Moreira, viúva de um funcionário público de categoria, D. Margarida Barata, ainda parente do nosso amigo dr. João Alves Barata, escreveu-lhe de Coimbra algumas linhas do seguinte teor:

«A creada que a minha boa amiga me pediu para arranjar, segue amanhã no comboio-correio. Leva, para ser reconhecida, um lenço vermelho com pintas amarelas. Tem dezavante anos, é natural de Celas, mas vive desde pequena aqui em Coimbra,

desde os dez anos incompletos. É sossegada. Só há uns meses aqui teve uma aventura triste com um estudante e, como possui bons sentimentos e se tivesse tomado de vergonha de permanecer nesta terra, acceito com alvoroço a proposta que lhe fiz de ir para Lisboa servir em sua casa. É muito fiel e chama-se Maria Josefina Nogueira...»

Veio a rapariga para Lisboa, e em casa de D. Júlia Moreira se conservou, sem que houvesse a menor falta a apontar-lhe, de Maio de 1903 a Janeiro de 1906. Nesta data, porém, contra todas as expectativas, desapareceu, só tornando a haver notícias dela em 1909, pois a Maria Josefina se apresentou espontaneamente em casa da antiga patrão. Vinha transformada, vestindo com elegância, falando com desenvoltura e acompanhada de numerosa família: o marido (pelo menos vivia maritalmente com elle), António Marques, empregado das Obras Públicas, e duas filhas, Josefina e Henriqueta Nogueira, a primeira de dois anos e meio, a segunda de meses. Depois desse episódio, Maria Josefina visitava, ainda que espaçadamente, a sua antiga patrão, até que esta falecera, cessando então de haver notícias da creada de Coimbra.

## Um salto a Paris

Há dias, encontrámos o nosso amigo dr.

João Alves Barata, camarada gentilíssimo e caçoalheiro emérito. Regressára havia pouco de uma viagem a França. E quem como elle é um emotivo, uma sensibilidade requintada, tem sempre impressões curiosas a contar. Falou-se de tudo um pouco, e como era dominante na imprensa estrangeira o caso de Texas Guinan, a rainha dos «cabarets», e o seu desaire, foram apreciados em amena conversa.

— Foi um desgosto para a pobre Maria Josefina — disse, em determinado momento, o dr. Alves Barata.

E contou-nos que o acaso o fizera conhecer o destino daquela família, que elle deixára de ver havia muitos anos. Encontrára a Maria Josefina em Paris, no hotel onde se hospedára, acompanhada de uma filha que elle não conhecia, a Henriqueta. Maria Josefina, que deve contar hoje quarenta e sete anos, aparenta, no entanto, mais idade.

Que iam Maria Josefina e sua filha Henriqueta fazer a Paris? Esperar Josefina Nogueira, filha mais velha, que pertence ao grupo de «girls» de Texas Guinan. Como a prohibição das autoridades francesas não deixasse a rainha dos «cabarets» passar do Havre, ao Havre se dirigiram elas a toda a pressa, passando com a filha pródigo algumas escasas horas.

Sobre o assunto pouco mais adiantou o doutor Alves Barata. O restante, que a seguir se conta, é fruto das nossas investigações e das confidências da velha Maria Josefina Nogueira, que desconhecia até que ponto pode ir a indiscreção de um jornalista.

## O romance de uma «girl».

Esta Maria Josefina, que nos fala agora na saleta de sua casa, onde nos recebeu, com alvoroço, saleta estylo *Pines*, apenas deixa hoje entrever um pouco da antiga beleza de que devia ter sido dotada há vinte oito anos, quando uns amores infelizes a fizeram sair de Coimbra.

O cartão do dr. Barata teve uma acção decisiva no seu animo. Desentranhou-se em confidências, que nós traímos por dever profissional. Ela contou-nos a história da sua filha mais velha, uma história banal, que se descreve em meia dúzia de linhas rápidas. A pequena Josefina era, como sua irmã Henriqueta, costureira de alfaiate. O lar mantinha-se com o trabalho duro mas honrado das três mulheres, que, apesar de tudo, passavam algumas dificuldades. Josefina, porém, tinha a mania das grandezas, sonhava com casamentos prin-

(Continua na pág. 10)



A rainha dos «cabarets», com os seus «apillons», vendo-se (X) Josefina Nogueira, a portuguesa que tentou visitar a sua pátria

# RUSSIA

**A política espanhola, os agentes de Moscow, o capitão Lawrence e o Exército Vermelho**

*A Rússia manobra, de facto, em Espanha? — O capitão Lawrence esteve em Barcelona? — Como foi que Ramon Franco adquiriu os seus novos ideais? — Uma visão hipotética do futuro — A descrição detalhada do Exército Vermelho — 12 milhões de homens em pé de guerra.*

MUITA gente afirma que entre a evolução política e revolucionária da Espanha e a da Rússia, de 1917-19, existem eloquentes pontos de contacto. Na Rússia, foi após um governo muito semelhante ao de Primo de Rivera que estalou a revolução republicana, destronando o Tsar. A república de Kerensky e da revolução, encontrou um atrito na sua marcha: o partido socialista, que é em toda a parte o *nem peixe, nem carne*, que tudo complica e nada resolve. A aparente vitória dos socialistas russos e a vaga promessa de aliança com os democráticos contra a onda que rugia a seus pés não evitaram o assalto dos bolchevistas. Na Espanha, a República, depois de lutar com os socialistas, ligou-se a eles, p a r a defesa contra os extremistas; Lerroux e Marcelino Domingo são dois Kerenskys espanhóis, Máciá, o Petroff sonhador, amado pelas massas operárias, Ramon Franco, o general civil da revolta vermelha, o Brieff com ligeiras semelhanças com Trotsky, e o



*Um grupo de oficiais de reserva do exército de 250.000 de operários, soldados vermelhos, mobilizados à primeira ordem da «Guepeau».*

o *mistério* da Andaluzia, pesar das negativas do herói do «Plus-Ultra», parece-se muito com a primeira tentativa fracassada dos bolchevistas, em Odessa...

Temos pela Espanha e pela República Espanhola a mais pura e leal das simpatias. Não é habito nosso fazer córo com os criadores de papéis. Mas não podemos esquivar-nos ao reconhecimento de fenómenos sintomáticos, que podem muito bem induzir nos espíritos a ideia de que se pode repetir em Espanha o que sucedeu na Rússia. Esta reportagem, que foca essa hipótese, divide-se em dois capítulos: o primeiro, o da revelação de factos inéditos entre nós, e que fortificam a profecia dos conservadores; no segundo, enfrenta-se a visão das consequências, caso a hipótese se realizasse — visão essa que se baseia em documentos indiscutíveis e em raciocínios... muito discutíveis.

\*\*\*

Desde Janeiro deste ano que a «Guepeau» suspendeu a chamada ofensiva oriental, que durou seis anos, e que produziu a metamorfose chinesa, a inquietação constante na Índia, as revoluções do Afeganistão, da Pérsia e de Sião, as insurreições da Indo-China e das Índias Neerlandesas, e que criou uma onda bolchevista em toda a Ásia e parte do norte de África, contra a qual a Inglaterra, a França, a Ho-

landa e o Japão lutam ainda. Qual a razão dessa mudança de rumo, tendo-se em vista que a «Guepeau» já mais manobra a sua política sem um longo, frio e melancólico estudo? Derrotado? Não; eles não se reconhecem vencidos no Oriente, pelo contrário. É o correspondente do *Daily Mail* em Moscow que o afirma, telegrafando: «... que a III Internacional declarou que a vitória obtida na Ásia, após esta primeira etapa, ultrapassou as suas previsões optimistas, e que o Oriente está pronto a acudir à primeira voz.» Quando Geo London esteve na Rússia — há sete ou oito meses —, escreveu em *The Journal* o seguinte: «A Europa que se acoute! Os olhos do Kremlin estão fixos, como holofotes, sobre a Europa. A Europa é o seu próximo taboleiro de xadrez. Por onde começara o incêndio? Pela França? Pela Inglaterra?». Pouco depois, a Espanha começava a apressar, naturalmente, a marcha para a República, e mal esta triunfou, um novo escândalo rabiou pelo velho mundo. O capitão Lawrence, o ténivel agente do «Intelligence Service», que é a «Guepeau» da política britânica, que estava vigiado pelos espias de todos os países, desaparecera do seu refúgio de Richemond. Todos os países que lemem as proezas de Lawrence estremeceram. Para onde teria partido Lawrence? O que iria fazer? Qual seria a sua nova façanha? O escândalo retumbou, pela primeira vez, nas páginas do *Temps*, de Berlim, e da *Humanité*, de Paris, 24 horas depois da saída de Afonso XIII de Espanha. E no mês seguinte, um diário de Barcelona publicava o seguinte eco: «Encontra-se nesta cidade um estrangeiro bastante suspeito, e que desde o dia da sua chegada, por uma coincidência, chamou a atenção dos nossos reporteiros, Hospodet-se no *Ritz*; no dia seguinte mudou-se para o *Palace*, depois para o *Colon*, e, por fim, alugou um chalet independente e mobilado em Gracia. Só sai de noite, mas não frequenta cabarets nem lugares de boémia noctívaga, e quando raramente o faz, não bebe, pouco se demora, e só fala com indivíduos... tão suspeltos como ele! As suas visitas são numerosas e têm pouco prazer em que lhes reconhecem o rosto. Mas o que de tudo mais nos intriga são certos passeios que dá pelas «barriadas obreras» de Sams e outras. Ele, sempre tão elegante, tão «gentleman», veste-se como qualquer operário, para realizar essas «tournées», e não hesita em abanear nos «cafés» dos pobres e de convidá-los a fazerem qualquer coisa na sua mesa. Sabemos, porque escutámos uma das suas conversas com operários, que se proclama um avançado, um elemento de destaque nos sindicatos do seu país. Até aqui... vá! Podia ser um sindicalista... «chics». Mas é que, quando lhe perguntam onde vive, responde que numa hospedaria de duas psetas, no «Carrer del Medio-Dia», e mente, porque o seu chalet custaria-lhe 2.300 psetas mensais. Para que mente este estrangeiro suspeito?»

E, logo a seguir, os jornais franceses recolhiam de Barcelona o boato de que o capitão Lawrence estava a agendar uma saída autêntica, de que missão o encarregara o «Intelligence Service»? É evidente: o de vigiar a influência e as manobras dos agentes de Moscow em Espanha. Mas eles existem? Estão de facto em Espanha? Estão! O governo desmente; a Polícia procura-os; as guardas das fronteiras já recambiarham vários, mas isso nada si-

gnifica. Um verdadeiro agente da «Guepeau» difere tanto dos bolchevistas que são presos na fronteira e dos que certas pessoas fantasiaram como um maltrapilho difere de Brummel. E aqueles não são de molde a deixarem-se prender, nem sequer a despertar as suspeitas policiais. Um exemplo: a Inglaterra foi avisada, sobre espias, seis meses antes, que Moscow iria enviar a Shanghai e a Hong-Kong brigadas inteiras de agentes seus. Enviou para aquelas cidades os melhores detectives e os mais experimentados espões da Scotland Yard e do I. S., e só hoje,



*O comissário civil de todo o Exército Vermelho, ao lado do comissário militar (fictício), seu imediato, passando revista aos regimentos femininos da guarnição de Moscow*

finda a revolta que os russos organizaram, fomentaram e dirigiram, durante anos, é que a Inglaterra sabe, e sabe pelas declarações de Moscow, que estiveram mil e tal agentes russos em Shanghai, e perto de 700 em Hong-Kong, e que regressaram tranquilamente à pátria. Qual é o segredo da sua impunidade? Um agente da «Guepeau» aparenta tudo menos ser um espia, fala vários idiomas, como se fossem pátrios, possui documentação das mais variadas nacionalidades, exerce, exteriormente, todas as missões, menos a verdadeira. Uma pergunta: como foi que Ramon Franco, republicano apenas, modificou os seus ideais? Resposta de alguém que o conheceu em Madrid: «Guepeau», não directamente. Os seus agentes, há mais de um ano que trabalham junto de certas pessoas da intimidade do famoso aviador, e foram essas pessoas que, inconscientemente, cumpriram aos ordens de Moscow. Longe do nosso espírito garantir a autenticidade desta explicação. Ouvimo-la...

\*\*\*

Segundo capítulo. Se fosse verdade que a História se repete sempre e que os acontecimentos de Espanha fossem uma cópia dos da Rússia, e em Espanha se implantasse o regime soviético, qual seria a atitude da Europa? A Espanha não é a Rússia; as suas fronteiras são mais frágeis, e é de crer que as potências se ligassem para que, sob o pretexto de salvar o povo espanhol dum domínio estrangeiro, atacassem militarmente o novo regime. E nessa ocasião, absolutamente hipotética, o que faria a Rússia? Deixaria descastelar-se uma oportunidade única de estabelecer uma ponte do Oriente para Ocidente, e à bôca do Atlântico, que é como quem diz a América do Sul, do Centro e do Norte?

(Continua na página 13)

# ESPAÑHA



José Indício, o «Má Cara»

# O que fazem e como vivem hoje os autores de velhos crimes?

**O africano da «Royals» — O crime das Janelas Verdes — Zeca-Marujo e as 3 vitórias — O guarda municipal da Estrela — José Albuquerque — O Raffles do século XIX — A estalagem maldita**

S ENTADO no terraço do «Royals», entre anfíbios do Tejo, intérpretes à espera de turistas e ingleses da «pequena Inglaterra do Cais do Sodré», cachimbo, cerveja e o *Times*, aquele indivíduo salientava-se, como um intruso... Era moreno, agravado pela tinteagem amarelo-escura que dá as longas permanências nos trópicos. Havia certa pretenção no porte, um cuidado burguês estoiçado nas costuras e nos gestos pela indisciplinada plebeia do corpo e do espírito. Uma cicatriz tragava-lhe a face direita, de alto a baixo. Sapatos brancos, gravata listrada de verde e castanho, um «panamá» falso e caro. Saboreava a vida, o sol, numa volúpia de invejar. Aquela felicidade necessitava expandir-se. Tentará já assaltar a conversa de dois brilhânicos vizinhos; apressara-se a dizer as horas a um dos «cicerones» profissionais, que tinha o relógio parado, e, como não conseguira encaixar-se na palestra alheia, grudou-se ao meu silêncio tolerante, fotografando-me uma série de confidências: Que há mais de 20 anos que não vinha à Europa, que vivera sempre em África, que se estabeleceu no Congo Belga, que os seus negócios prosperavam, que Lisboa mudara muito, que era de Famalicão, onde já comprara uma quintaola, que estava com a «patrão» e com a filha em Paris e em Bruxelas, e que... Felizmente que chegou, entretanto, quem eu esperava: um velho amigo e ilustre advogado. Durante o pouco tempo que nos demorámos ainda ao seu lado, o meu companheiro observou-o, discreta mas insistentemente. Ao abalarmos, o africano rasgou uma larga saudação com o «panamá». — «Coneheces?» — indagou o meu amigo. Expliquei-lhe o que se passava. Confessou-me então que estava intrigadíssimo porque o homem do «panamá», embora muito transformado, lhe recordava alguém que ele supunha morto há uma eternidade. — «Ele é de Famalicão?» — informei. E logo o meu camarada exclama: — «Que coincidência. O «outro» também era! Foi pena que eu não tivesse examinado a face direita. O cavalheiro a que eu me refiro tinha uma longa cicatriz que...» — «Este também

tem!» — garanti eu. Já não havia dúvidas... — «Pois, meu caro — disse o advogado. — Fizeste excelentes relações. Nunca ouviste falar na chacina do Zeca-Marujo? Três mortos numa só fornada. Bandido, e dos piores. Pois o Zeca-Marujo é aquele honrado negociante com que tu palestraste no «Royals»...»

## Os crimes do «Zeca-Marujo».

Contou-me. Foi muito antes da República. Os jornais gastaram colunas e colunas com a tragédia. José António Barros, natural de Famalicão, vierá para Lisboa aos 18 anos, e, em vez de trabalhar, dedicara-se à vadiagem e ao roubo. Começou o cadastro por ter larapiado umas malas a bordo dum barco de passageiros, onde se introduzira uniformizado de marinheiro. A proeza valeu-lhe uns meses de cadeia e a alcunha de Zeca-Marujo. Voltou da cadeia refinado, pimpão, desordenado. Freqüentes cenas de facadas, umas das quais o marcou para sempre. Em 1903, com 26 anos de idade, é preso sob suspeita de ter ajudado um tal Ramon Cesteiros no assassinio de uma velha, em Torres Vedras, para lhe roubar 80.000 reis! Ramon foi condenado; o Zeca absolvido, por falta de provas. Pouco depois — deve haver ainda muitos lisboetas — se recorde — ecôa pela cidade a notícia da chacina das Janelas Verdes. Vivia nessa rua, num prédio independente com quintal, um merceiro retirado de negócios, sr. Abel Constantino, e esposa, D. Miquelina Constantino, e uma velha creada, Rufina, andando os três à volta dos 65 anos. Gozavam fama de ricos. Uma manhã, o padeiro bateu, e ninguém veio abrir a porta. Estranhou, mas foi-se embora. Voltou no dia seguinte, e desta vez interrogou os vizinhos. Estes estavam já alarmados. Chamou-se a Polícia, e esta descobriu os três velhos, estirados, no corredor, outro na escada, e o sr. Abel na cozinha, banhados em sangue e todos em camisas de noite. A morte fora produzida por facadas e machadadas. A criada Rufina apresentava 18 ferimentos. As gavetas estavam vasculhadas, os móveis arromba-

dos, as pratas e o pequeno cofre tinham desaparecido. Durante duas semanas não se falou noutra coisa, sem que a Polícia tivesse uma pista. O juiz de instrução recebeu uma denúncia. No Pátio de Santana, na Graça, vivia um casal reles, visitado por gente mais reles ainda. Na noite do crime, o dono da casa saíra altas horas, acompanhado por três amigos, e regressara de extraordinário, e foi por isso mesmo que os vizinhos suspeitaram. E, quando havia notada, o cavalheiro voltava sozinho, aos bordos, de embriagado, e era infalível uma sova escandalosa na companheira. Ora, desta vez, voltára com os mesmos amigos, vinham todos no seu juízo, e, em vez de sova, a «espósa» exhibia uns presentes que o «espóso» lhe oferecera... O indivíduo em questão tinha cadastro — era o Zeca-Marujo —, e tentará desencontrar-se da Polícia, quando esta o foi procurar. Não tardou em confessar o crime. Os sócios, pressos pouco depois, amarraram-no de per se desinquietado e de ser o único matador dos três velhos. Fôra condenado à pena máxima. Mas...

## O futuro... dos grandes criminosos

Foi o caso do Zeca-Marujo que me fez pensar nesta reportagem. Cumprida a pena na Penitenciária, fóra para o degredo; insinuára-se, obtivera trabalho fóra da fortaleza, conseguira várias clemências, e, por fim, a licença de emigrar para o Congo Belga, onde se casou com uma francesa e amalehou fortuna. Quem, ao ver aquele



Adelaide de Jesus, a «Índia»

abastado e exemplar chefe de família, viajando no «Sud», indo às águas a Vichy, pavoneando-se pelos «boulevards» ou berbericando cervejas no «Royals», pode recordar o crime das Janelas Verdes e os três velhos assassinados?

O que fazem, como vivem, onde estão os grandes criminosos já esquecidos? É uma pergunta que deve ter acudido muitas vezes ao teu espírito, leitor — como acudiu ao meu. Ah! Poucos, muito poucos têm a boa sina do «Zeca»! Poucos, muito poucos resistem ao remorso, à clausura, ao sol impiedoso da África. Uma grande parte — enleaquece; abrem-se-lhes as portas da Penitenciária para se lhes fecharem as do manicômio. A tuberculose, em geral, dizima-os numa percentagem de 50 por cento. Grandes crimes recentes ainda, como o de Guimarães, rematam-se pouco depois com a

(Continua na pág. 13)

# NEGÓCIOS

De tudo se faz negócio nesta época amarfanhada por um feroz egoísmo dos homens. Tudo se industrializa — inquisitorando-se o cérebro humano a procurar o ineditismo de ideias que lhes ofereça produtos largos. Ganhar dinheiro constitui, hoje, a maior ambição, aliás legítima, de toda a gente.

Assim, o velho culto do ouro — *désse vil metal*, segundo a expressão dos puritanos despeitados por não o enxergarem nos seus bolsos vazios — faz-nos assistir a coisas curiosíssimas sob o ponto de vista original, muito embora repugnante, certas vezes, para os espíritos bem formados.

Pois é essa ânsia de ganhar dinheiro, que embrulha e amalgama toda a humanidade, que conseguiu arrancar de imaginações privilegiadas os mais variados e extravagantes processos de negócios lícitos mas cruéis.

Um desses processos é sem dúvida o das agências para cobrança de dívidas consideradas... incobráveis. E das referidas agências, uma houve, de Pletas que há anos, que ficou sendo conhecida pela «dos Diabos à Porta». O sistema que esta casa, oficialmente estabelecida, empregava para a objectivação da sua finalidade é, de facto, um negócio que não lembra ao Diabo...

Evidentemente que o número de clientes da terrível agência estava sempre na ordem inversa do número de devedores... Desta maneira, quando qualquer créder via a inutilidade dos seus esforços para receber uma conta particular que lhe era devida, podia, como último recurso, recorrer à «Agência dos Diabos à Porta» para a liquidar... E era quasi sempre garantida a sua liquidação. Como se realizava então a cobrança respectiva? Muito simplesmente: a citada agência tinha ao seu serviço uns indivíduos aletados, de físico o mais patibular possível para infiltrar certo respeito ao devedor. Dois desses indivíduos, vestidos de encarnado vivo, semelhando Satanaz, recebiam da agência a incumbência de seguir, passo a passo, o desgraçado devedor, não o abandonando um só minuto, como se sua sombra fosse... O desventurado saía de casa, de manhã, e logo via à porta, esperando-o, dois matulões disfarçados de Diabos que depois, e sem se lhe dirigirem, o segulam por toda a parte, teimosamente, persistentemente... Atravessava, assim, a cidade, entrava nos cafés, nos estabelecimentos, nos teatros, e quando saía encontrava à porta, espécados, os tais Diabos que não desistiam... Perante, um espectáculo desta natureza, oferecido gratuitamente a todo o indígena do burgo, o paciente devedor, se não arranjava coragem para desancar os seus silenciosos perseguidores — o que era realmente temerário — só tinha um único remédio: ir arranjar dinheiro, a qualquer parte, nem que fosse ao fim do mundo, e pagar a dívida em atraso.

As vezes sucedia encontrarem-se dois e três pares de Diabos à porta do mesmo café, aguardando figuras diferentes...

E ninguém escapava à tenaz e ridícula perseguição.

Era um plano verdadeiramente infernal, este de se lançar às pernas do devedor, forçado pelas circunstâncias a sê-lo, dois madontones, com cara de poucos amigos e robusta compleição física, vestidos de Diabo — tanto mais cruel quanto é certo

que o proprietário da original agência, fazia ainda sobre o seu negócio a mais gritante publicidade. Afinal, parece que a «Agência dos Diabos à Porta» foi encerrada, por ordem da Justiça, em face do seu infalível processo de cobrar dívidas, consideradas... incobráveis, ter causado o suicídio de diversos persegui-

ma, o desgraçado só via um caminho à sua frente: pagar a dívida... E infeliz daquele que não pudesse pagar...

É muito possível que o repugnante director do sórdido jornaleco se retire do negócio, ao cabo de alguns anos, com um razoável pecúlio adquirido por modo tão nojento... Mas, também não deixa de ser certo que o seu físico há-de levar sinais indeléveis, recordações inapagáveis de alguns devedores menos acomodaticios que lhe que-



## QUE NÃO LEMBRAM AO DIABO

**Cobrança de dívidas... incobráveis — Uma agência dos diabos... — Pobres 'tipos' que são autênticos demónios — Jornais de «chantage» — Dívidas cobradas e... costelas quebradas — Na América dos exageros — A compra de dívidas doces**

dos, entre os quais uma actriz de nomeada e um conhecido banqueiro falido... — que só na morte puderam vêr-se livres dos tenazes Diabos encarnados...

No entanto, perseguidos houve que, não se temendo ao mau e respeitável aspecto dos perseguidores, sovaram fortemente os Diabos da agência, os quais, de resto, provaram assim ser uns pobres diabos...

### Um "comercio"... ignorado, mas lucrativo

Também no Porto existiu em tempos, e creio que existe ainda, um jornaleco qualquer, intitulado «O Comércio», desse género de jornais que são fundados para servirem de balcão a criaturas sem escrúpulos, que tinha o mesmo objectivo bastante rendoso: cobrar dívidas difíceis... E para o efeito, também o seu proprietário — que é director, editor, redactor e *tout plus* — publicou na sua *digna* fôlha um anúncio, segundo o qual se encarregava de receber toda a qualidade de contas em atraso, mediante — bem entendido — uma pequena comissãozinha...

Como é lógico, appareceu-lhe um enorme regimento de crédores de todas as categorias, confiando-lhe o recebimento das contas que já não contavam receber... Então o homenzinho, de posse dos recibos respectivos, apressava-se a procurar os devedores, a quem exigia o pagamento rápido da conta em dívida, sob pena de lhe estampar na folha o nome e o retrato ou caricatura, acompanhados duma extensa biografia de coisas íntimas do pobre caloteiro... Ante o brutal dile-

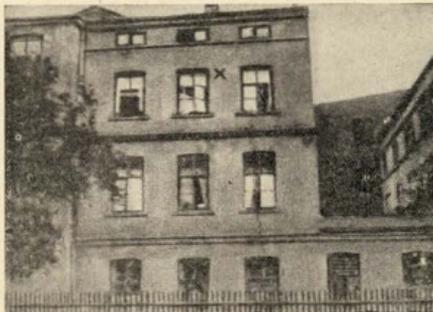
breo alguma costela em troca da conta cobrada desta fórma... E que nunca as mãos lhes doam...

### A «Agência Tobias» e a sua bolsa de transacções

A mais original agência do género que existe no mundo tem a sua sede na América do Norte, no país dos «arranha-céus» e dos exageros, sendo seu feliz proprietário um judeu de raça, Samuel Leão Tobias. Fundada em 1906 em Nova-York, e servindo-se dum reclamo formidável, o judeu Tobias viu em breve o seu rendosíssimo negócio prosperar de tal maneira que se tornou forçoso alargar as suas primitivas instalações, estabelecendo sucursais nas principais cidades do país dos dólares...

Os processos de que se serve para a co-

(Continua na pág. 13)



A casa, no Porto, da «Agência dos Diabos à Porta» (>)



O pesadêlo do «Tigre» era vê-se enjaulado numa gaiola, suspenso sobre um oceano de notas e moedas...

Portugal, se foi, por vezes, um país privilegiado pela glória e pela ventura, com maior frequência sofreu as flechas cruéis da Fatalidade. E de todas as fatalidades que o martirizaram, a mais assídua, a mais vasta, a mais teimosa, foi, sem dúvida, a das epidemias. Não falando já da lepra, que enchia, a transbordar, esses cemitérios de pódrés-vivos que eram as gafarias, e evocando apenas as pestes, que ceifavam bairros inteiros e atapetavam as ruas com os cadáveres insepultos — que grandguolesca visão! Muita gente, porque se despovoaram as gafarias e porque as epidemias se limitam a casos soltos, aos bairros-valas-comuns de pobres, julgam que o nosso povo se libertou definitivamente da Inquisição das Pestes e das Lepras. Engano! A Fatalidade é uma despota persistente, que não satisfaz já mais a sua gula imensa. Modificou apenas a máscara. Mudou somente de apetite. Outrora, torturava os corpos, rasgava-os de úlceras, chagava-os, pingava-os de puz, queimava-os no auto de fé duma decomposição lenta e horrorosa! Hoje tortura as almas, arruína as vidas, esmaga os lares, devora os corações, as honras, as felicidades mais sólidas. A essa nova lepra chama-se... a AGIOTAGEM!

São milhares e milhares os abutres que esvoaçam, sinistros e cautelosos, sobre a população desprevenida. Ai dos desgraçados a que eles ferrarem um dia o bico feroz. Só os deixarão quando os virem descarnados, exaustos, mortos... Que de lágrimas, que de dores, que de monstruosidades! E como vivem? E como operam? E como garantem a sua impunidade? E como podem eles, arrastando atrás de si um estendal de vítimas ensangüentadas, sempre pela sua fúria, atrair novas vítimas e cometer novos crimes? Eis o que o Reporter X pretende revelar, através da reportagem que hoje inicia, após alguns meses de investigação e de estudo, consciente de que, lançando-se a la charge contra a câfila de agiotes que vampirizam melade da população lisboeta, pratica uma obra generosa e útil, porque pode evitar que os restantes caiam nas suas garras.

#### Uma «vedette», de circo

PARA vos contar uma tragédia que data de ontem, sou obrigado a recuar a uma farsa que data de há dōze anos. Era eu então redactor de *O Século da Noite* e

fôra encarregado por Silva Graça (filho) de escrever uma reportagem sobre os bastidores e intimidades de uma troupe de circo que se estreava no Coliseu dos Recreios. Faziam parte do elenco

um domador de tigres — Washong —, cujo filho, de oito anos, entrava na jaula afugentando as feras que o temiam pela sua crueldade; o mais inverosímil ilusionista que vi até hoje — Salman —, cujo camarim bisbilhotei uma noite, descobrindo o segredo da sua «Caixa Mágica» onde êle ocultava a esposa, que era... quem manobrava toda a engenhoca; um arriscado herói de *looping-in-loop* num minúsculo automóvel, que chorava de medo, antes do trabalho, sendo preciso o pai ameaçá-lo para o obrigar a sair à pista; os «clowns» Teddy y Pompofoff, que compravam *chistes* a escudo e anecdotas a 5.000 réis; uma «troupe» de japoneses misteriosos; uma domesticadora de crocodilos, vários acrobatas célebres e... como número «fino», Mlle. Belavila. Mlle. Belavila dizia-se colombiana — embora falasse o espanhol como uma inglesa e se exprimisse em francês como se fôsse o seu idioma pátrio. Triunfara na arte — graças à sua plástica, verdadeiramente helênica e à formosura do seu rosto, que recordava uma fantasia de Pé-nagos. Era uma acrobata vulgar — mas colhia a melhor receita de aplausos do público e o seu camarim era continuamente florido pelos seus admiradores. Também eu, nessa época, o freqüentei, conhecendo então o mais assíduo, sóbrio e inteligente dos pretendentes aos seus favores. Apresentaram-me como comerciante. Era um sujeito de quarenta anos, sem grandes virtudes físicas para Tenório, mas, sendo cuidadoso no porte e vestindo com preocupada elegância, sabia ocultar-se sob um ar de tal despretenção e duma modestia tão sincera que suggestionava simpatia. Moreno, cara rapada, usando apenas do monóculo para ler (e mesmo assim sem o encrustar na órbita), sorridente, atencioso, tolerante — dizia residir quasi sempre em França, vindo apenas a Portugal quando os negócios assim o obrigavam. Chamava-se Alberto Araújo da Cruz. Conservo ainda um cartão seu. Graças à sua constância e à sua habilidade — saiu vitorioso do torneio; e quando Mlle. Belavila terminou o seu contrato no Coliseu, foi contratada para toda a vida pelo sr. Araújo da Cruz, que a levou consigo. Várias vezes os vi juntos, de braço dado, com toda a aparência de um casal feliz. A última vez que os encontrei — e lhes falei —, foi há meses, num joalheiro do Porto, onde eu entrava por motivos jornalísticos. Estavam regateando um anel de 10.000 escudos. Disse-me que tinham chegado de Paris na semana anterior e que deviam partir para Lisboa, dentro de dias. Ela perdera toda a litografia espalhafatosa, de cartaz — que a tingia há 12 anos —, mas apesar de gorda e de envelhecida era ainda uma linda mulher...

Recordo-me também dum pequeno episódio do tempo em que êle era apenas um freqüentador do camarim de Mlle. Belavila. Dera-se um drama em Lisboa, desses que são «el gordo» dos reporteres — e que deve estar ainda nalgum escaninho da vossa memória: o suicídio do dr. Braz Santarem, disparando uma bala no coração, quando viajava, em «auto», da capital para uma das suas quintas em Tôres. Corriam várias

# A AMANTE DO TIGRE

(Reportagem aos usos, processos e proezas dos agiotes de Lisboa)

versões sobre este suicídio, sendo algumas delas evocadas pelos habitués do camarim de Mlle. Belavila. — «Tanto dó por êsse cavalheiro, que era afinal um esbanjador — protestou o sr. Araújo da Cruz —, e não se lembram de que êle foi um caloteiro e que sacrificou muita gente para poder gastar na pândega e com as mulheres. Até na morte foi egoísta e mau pagador — porque assim se esquivou à liquidação de muitas das suas contas.» Estranhei aquela severidade ante um morto, vinda de um homem que, como o sr. Araújo da Cruz, se mostrara sempre generoso e tolerante para com todas as fraquezas humanas. Foi esta a única impressão... mediocre que conservei das nossas curtas e distantes relações.

**A lépra das almas — M. Belavila, acrobata es-cultural — Nos bastidores do Coliseu dos Recreios — O homem que nunca viu — Os vários escritórios e nomes do «Tigre» empregados e patrão — Na sombra... — Confidências de um ex-secretário — As vítimas — A tintámpica — A conta-corrente — Os juroz eternos — Os postais... venenosos — A ameaça — O dna da Avenida — A vingança... — os outros.**

#### A fauna dos agiotes

Há muito que zumbia aos meus ouvidos este apôdo feroz: o «Tigre». Não sei qual foi o episódio que primeiro o trouxe ao meu conhecimento — e por isso os vou evocando, não pela ordem de datas, mas sim ao capricho da memória. Sabia, por exemplo, que o ex-comerciante Z, apaixonado pela *vedette* de revista B... (pequena pouco exigente mas obcecada pelo sonho de ser empresária), se arriscara numa exploração teatral e nela se comprometera gravemente. Prensado pelas necessidades de dinheiro, procurara o «Tigre» e o «Tigre» só o largara quando o desgraçado aceitou um emprêgo de... creado de bordo... para fugir de Portugal...

— «Mas quem é o «Tigre»? — indaguei da pessoa que me revelara esta história.

— O «Tigre» é o agiota máximo de Lisboa. Se êles se contam por centenas — nenhum o iguala em astúcia e ferocidade. Quem é? É o «Tigre»! Ninguém lhe conhece o seu verdadeiro nome. Quem é? O seu rosto, a sua personalidade, a sua vida, o seu passado são enigmas indecifráveis. Ninguém o vê — ninguém o viu, ninguém —, nem mesmo os desventurados, os estripados pelas suas garras.

— Mas isso é inverosímil! — exclamei. — Esse homem, para exercer a sua agiotagem, necessita receber as vítimas, falar-lhes, persegui-las, ameaçá-las. — Enganas-te! O «Tigre» trabalha na sombra, a distância. Não se mostra, não se deixa ver — mas nem aqueles agiotes que perseguem de perto os seus devedores fazem sentir a sua dentuça como êste...

E antes que eu protestasse de novo, o meu informador prosseguiu:

— Também eu julguei que era fantasia — calúnia mesmo —, mas depois, por mal dos meus pecados, tive as provas palpáveis, sensíveis, eloquentes, da veracidade. É um mistério bem urdido! O cavalheiro quer a máxima liberdade para inquisitoriar até à «escroqueria» cruel e ignominiosa as suas vítimas, mesmo saltando para fóra das leis — mas defende-se genialmente para garantir a impunidade contra tudo e contra todos. E é essa a principal razão porque êle é o «Tigre».

#### O «Tigre», — marca registrada

«O «Tigre» tem tido vários escritórios e vários nomes e, por mais duma vez, possui simultaneamente dois

escritórios e dois nomes diferentes. O primeiro, que me conste, foi na Rua dos Fanqueiros, 172, 3.º andar. De pois passou pela Rua da Vitória, Rua da Palma, Rua Eugénio dos Santos, Arco do Bandeira, Rua dos Correios — onde creio que ainda se encontra. Uns clientes que conheceram a casa primitiva, que a encontraram fechada depois e que, apertados pela necessidade de novos empréstimos, procuraram um novo agiota e subiram ao 3.º andar da Rua da Vitória ou dos Correios, foram surpreendidos ao verem o mesmo mobiliário: uma mesa de pinho, umas cadeiras de fundo de palha e uma oleografia com um tigre, de corpo arqueado na elasticidade de um salto que parecia objectivar os que entravam. Foi esse tigre oleográfico que inspirou o «apôdo» e que serviu de guia aos que o procuravam através da cidade, aos que o buscavam. Subiam escadas, entreabriam portas, e quando viam o tigre na parede já sabiam que era ali — embora o nome fôsse outro.

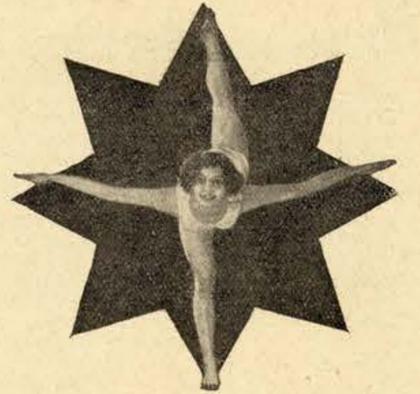
«A técnica é sempre a mesma. Um empregado, sempre variado (mais variado ainda do que os nomes que o «Tigre» adopta), entra às 10 da manhã. Os *escritórios* têm apenas um compartimento, e nesse compartimento o rapaz passa o seu dia até às 6 da tarde — hora a que sai e fecha, deixando a chave num estabelecimento qualquer. A sua missão consiste apenas no seguinte: atender os clientes, explicar-lhes o que devem escrever numa folha de papel já preparada para isso (a quantia de que necessitam, a garantia que oferecem, o nome, a morada, etc.), fechar as cartas e guardá-las. No dia seguinte vêm saber o *dia* em que devem ter a resposta; e no dia marcado, ou recebem uma negativa seca, ou então um cheque que o empregado lhes entrega em troca dos documentos de dívida. Pois bem: apesar da importância e da responsabilidade d'êste trabalho, nenhum dos empregados que têm estado ao serviço do «Tigre» é mais feliz do que os clientes — porque nenhum conseguiu vê-lo ou falar-lhe (sem ser pelo telefone) uma única vez! Não acreditais? Pois bem, vou apresentar-te hoje mesmo a um dos ex-empregados do «Tigre»...

#### Os empregados do «Tigre» que não conhecem o patrão

Era um moço simpático e inteligente, que trabalha agora num Banco da Rua do Comércio. Aguardámos a sua saída — e eis o que êle me contou:

— Eu já conhecia de nome o cavalheiro e algumas das suas excentricidades, quando a precisão de ganhar a vida me obrigou a responder a um anúncio para a Posta Restante. Passadas 24 horas, recebi uma carta exigindo-me uma infinidade de informações e engodando-me com a promessa dum bom ordenado. Fechou-se o contrato sempre por cartas e a última mandava-me apresentar às 10 horas no escritório da Rua da Vitória, e esperar pelo antigo empregado, que me devia instruir no serviço durante um mês e que, segundo me contou, recebia uma boa gratificação para me ensinar (como eu a recebi depois, para que o meu sucessor aprendesse os usos da casa).

As cartas dos clientes com pedidos de empréstimos são fechadas, todos os dias, num grande envelope e expedidas, ou para uma caixa postal, cujo número varia



Mlle. Belavila triunfou graças à sua plástica helênica

(e quando variava eu era avisado pelo telefone), ou para a Posta Restante, endereçada a nomes diversos, conforme as ordens do «Tigre». As chaves eram confiadas a um lojista distante — onde pela manhã eu ia buscar para abrir a porta. Esse lojista prestava-se a êsses favores a trôco de uma gratificação — mas tampouco conhece o «Tigre». Este, quando precisa entrar no escritório, vai de madrugada, a uma hora em que não se cruza com curiosos, e então escreve longos relatórios para o serviço do dia seguinte, que deixa sobre a mesa do empregado. Nesses dias, manda buscar a chave por um garoto ou moço de fretes, e êste por outro, de forma que nem o lojista depositário pode saciar a sua curiosidade de conhecer o «Tigre».

«O dinheiro dos empréstimos vem em cheques; e nós entregamos os cheques em troca dos documentos que êle exige por carta. Houve, ao que me consta, um empregado desonesto que tentou êle próprio cobrá-los... Mas é tão bem organizada a espionagem do «Tigre» que o rapaz foi preso à saída do Banco. Alguém da sua confiança vigia o Banco e dá o alarme quando os portadores dos cheques não são os próprios clientes — condição que êle antepõe a todos, quando fecha qualquer contrato.

«Mas o mais aflitivo d'êsse emprêgo é o martírio das vítimas. Como êle as persegue, como êle as estrangula, o que êle as obriga a fazer para lhe pagarem o capital... e os juroz — juroz êsses que vão até ao infinito e que duram sempre. Não há nenhum empregado que resista a êste espectáculo. Por várias vezes o escritório foi invadido por desgraçados que, na alucinação em que se encontravam, teriam assinado o «Tigre» se êle lhes aparecesse. E a Polícia freqüentemente intervem, disposta a prendê-lo e a castigá-lo. Nessas ocasiões o empregado recebe dois meses de ordenado e é despedido — e o escritório fechado. «O Tigre» usa d'êste processo para evitar a morte, ou a prisão, porque nem a vítima nem a Justiça conseguem dar com êle. E êle, muito tranqüilo, abre novo escritório, contrata novo empregado.

«Já tentaram por várias vezes apanhá-lo por intermédio dos Bancos. Mas êsses depósitos estão em nomes diferentes e nenhum dos banqueiros conhece êsses depositantes porque os depósitos vêm-lhes parar às mãos por uma série de transferências de outros Bancos. E quando se segue qualquer dessas pistas, desemboca-se sempre num Banco da província ou do estrangeiro, e o empregado que abriu a conta, ou

(Continua na página 12)



Sobre aquele casal feliz pairam as garras do «Tigre»...

## Uma maravilha de prestidigitação

NÃO SE TRATA de ilusionismo, daquele ilusionismo quasi milagroso que arranca mulheres bonitas, molhos de serpentina multicolores, patos, coelhos, ovos estrelados, almudes de vinho e pombas gentis e voadoras de dentro de um vulgar e acanhado chapéu alto. Trata-se de uma verdade bem visível, bem patente aos olhos de todos os lisboetas: todos os lindos hairros modernos, arejados, amplos, sulcados de longas avenidas, matizados de jardins, povoados de vivendas encantadoras, habitados por dois terços da população da capital, saíram, com o de um chapéu alto as buganças do prestidigitador, de uma simples e pacata confeitaria. Saíram daquela casa antiqüíssima em Lisboa, que ainda hoje existe, modernizada, perfeitamente adaptada aos hábitos e ao gosto do nosso tempo, na Rua de São Nicolau, 47, esquina para a Rua dos Correeiros. E verdade: Lisboa moderna nasceu daquela casa, como de um alçapão de mágica um cenário maravilhoso.

Enzimos esta descoberta com a mesma singularidade (perdoem-nos a imodéstia) com que Newton descobriu a lei da gravitação, reparando pela primeira vez na queda de um pomo do alto de uma fronde. A Confeitaria Rosa Araújo (e pela simples citação do nome da casa adivinharam os leitores o nosso raciocínio) inaugurou há pouco tempo um esplêndido serviço de almoços constituídos de sopa, dois pratos, pão, vinho, café, pelo preço irresistível de dez escudos, com a vantagem de sermos servidos por um pessoal correctíssimo e com talheres decentes, o que é raríssimo nestas pechinças.

Nós, que gostamos de juntar o útil ao agradável, começámos a frequentar aquela casa — de que já nossos avós falavam com entusiasmo, pois ninguém fabrica em Lisboa toda a qualidade de doces com tão perfeita perfeição —, aproveitando a modicidade de preços e o que ha de distinto, de elegante e de simpático naquele ambiente requintado, sem exageros de novo-rico nem estridências de jazz que perturbam a digestão. E um dia inquirimos de um sócio da casa, o sr. Galeano, rapaz amável e sabedor, que orienta o movimento discreto do pessoal como um maestro que rege uma orquestra de violinos, se o nome Rosa Araújo que dá título à casa se referia ao Rosa Araújo, célebre reformador de Lisboa.

O sr. Galeano é novo, mas sabe muitas coisas antigas e esclareceu-nos imediatamente.

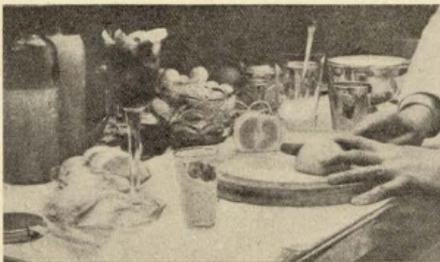
Com efeito, Rosa Araújo, pai do Rosa Araújo, da Câmara Municipal de Lisboa, foi o fundador daquele estabelecimento há perto de um século — em 1840. A casa celebrou-se logo no seu início, com o fabrico de um bôlo, que ainda hoje é muito procurado, a que o velho Rosa Araújo chamava «Coco». O público, pouco a pouco, começou a chamar «Coco» à casa e ao proprietário, o que fazia com que este se irritasse terrivelmente. Conta-se que, sendo ele uma

pessoa delicada, um dia deixou escapar uma praga ordinária quando uma senhora se lhe dirigiu tratando-o por «Senhor Coco», tomando por verdadeiro nome o que não passava de uma alcunha.

Mal pensava o velho Rosa Araújo que a seu filho viria Lisboa a dever a sua mais importante reforma depois da do Marquês de Pombal. Maiores dificuldades teve Rosa Araújo, filho, o vencedor ilustre, o sonhador e homem de acção, em pôr o seu plano em execução do que o próprio Marquês. Este teve a ajuda-lô a grande calamidade do terramoto que arrasou o que existia de velho e condenável sem que o lisboeta rotineiro tivesse tempo de opor razões; Rosa Araújo teve que arrosar com uma mentalidade acanhada. E quando por sua ordem os operários do Município iniciaram a demolição do passeio público, o povo, que tinha um grande amor às velhas grades, ao lago com os peixinhos e aos arrematamentos poéticos, vaiou-o, travando batalhas sangrentas. Mas a energia de Rosa Araújo venceu, libertando os lisboetas que não queriam a sua liberdade da cinta que os enjaulava na Baixa, abrindo com a grande e linda avenida o caminho para os mais amplos horizontes e para uma nova cidade, moderna, arejada, decente, que é hoje todo o nosso orgulho.

Foi ali, naquela confeitaria que ainda conserva no ambiente a austeridade de Rosa Araújo, benemérito da capital, que o grande reformador planeou e concebeu a sua formidável obra. Qualquer coisa do seu espirito ainda paira na acolhedora casa, que os novos proprietários parecem respeitar e engrandecer com a lisura e a honestidade do seu trato com a sua numerosa clientela. As famílias mais distintas de Lisboa e na Rosa Araújo que ainda fazem as suas maiores encomendas de docerias, e à tarde, à hora galante do chá, se dão «rendez-vous». Sabem que ali não serão enganadas e que todos os materiais empregados são dos mais puros e de superior qualidade. Ninguém sabe organizar com mais elegância e distinção banquetes de casamentos, baptizados, festas oficiais ou de carácter diplomático do que a casa Rosa Araújo, que só admite ao seu serviço um pessoal escolhido e delicado.

A sua última iniciativa — a dos almoços completos por dez escudos — tem sido muito aplaudida por um público que ávidamente os procura e que, experimentando-os uma vez, se lhes afeiçoa, tal é a higiene, o *svovir faire* e a distinção que aquela Confeitaria põe em todos os seus serviços.



## A rainha dos "cabarets" de Nova-York

(Continuação da pag. 4)

capicões, e como possuía um palmo de cara muito razoável, caiu numa cilada. Um rapaz enganou-a. Um pouco leviana, tomou-se de amores por outro e mais outro, até que foi engrossar a corrente caudalosa do prostituição. Começou a frequentar *clubs* e *clubs*, a tomar-se famosa sob o sobrinho que se chamava *Rosette*, e um dia, desapareceu de Portugal. Meses depois, a mãe e a irmã sabiam por uma carta sua que se encontrava em Nova York, para onde a levára um turista americano que passára por Lisboa em Agosto de 1926 e por ela se apaixonára. Há dois anos, aproximadamente, uma nova carta, a segunda depois da sua ausência, trazia-lhes dinheiro — 100 dólares — e dava-lhes conta de que se empregara em um grande estabelecimento, onde ganhava duzentos dólares por semana. E a partir dessa data, as duas mulheres começaram a receber, regularmente, quarenta dólares todos os meses, pouco ou nada adiantando as cartas sobre o género do emprêgo da Josefina.

Até que, há poucas semanas, um telegrama e um vale telegráfico as habilitava a irem ao seu encontro, a Paris. Em Paris, outro telegrama as chamou ao Havre, e só ali, onde se abraçaram as três, a Josefina revelou o segredo da sua prosperidade. Era, com o nome de Josephine White, uma das «girls» mais queridas de Texas Guinan.

O projecto de invasão da Europa tinha em Josefina um precioso auxiliar. Texas Guinan, que era das raras pessoas que a sabiam portuguesa, planeava abrir em Lisboa um dos seus famosos «cabarets», que seria dirigido por Josefina. Mas o grande, o formidável negócio que, sob o manto fútil das pandegas de «cabarets», se preparava, era o de contrabando de álcool para a América. Agentes de Al Capone, o aliado secreto de Texas Guinan, já se encontravam em Lisboa, dispostos a agir. Barcos carregados de álcool, de vinhos portugueses, vão para a América, mas...

Mas o negócio estava melhor preparado...

### Uma ilha flutuante «molhada»

Onde iriam os barcos portugueses descarregar o álcool? Através do relato ingénio da antiga criada de servir, adivinhámos a manobra. O álcool seria descarregado numa ilha flutuante, a primeira ilha flutuante que a casa Armstrong Development está construindo no Atlântico, a duas horas de avião de Nova York. Essa ilha, que se destina a aeroporto das carreiras de aviões América-Europa, está fóra das leis americanas. Armstrong vai erguer sobre essa ilha de 50.000 toneladas um grande hotel, onde se beberá e jogará. Os americanos virão a essa ilha embebedar-se livremente, e os vinhos, que serão dos melhores e pagos a preços de milionário, irão de Portugal.

Josefina Nogueira, a «girl» querida de Texas Guinan, tinha, com este negócio, assegurado o seu futuro. Mas Texas pôe e os governos dispõem... As autoridades inglesas e francesas, impedindo a «troupe» de assentar arraiais na Europa, transformaram os formosos planos.

Josefina já vai a caminho da América, e a mãe e a irmã, após o deslumbramento de Paris, regressaram à sua casa da Graça, ao conchego dos bordados de missanga, das almofadas de penas, com quarenta dólares por mês.

REPORTER MARIO

# A ATLÂNTIDA EXISTIU

**A ilha misteriosa do Atlântico existiu e dela restam hoje, cientificamente comprovado, os arquipélagos dos Açores e das Canárias**

**A** FINAL de contas, o que é a Atlântida? O leitor já, por certo, ouviu falar na existência dessa ilha, fabulosa segundo uns, misteriosa segundo outros, e que veio através das idades sobre a responsabilidade, muito para ponderar, de Platão.

De facto, foi Platão quem afirmou, pela boca de Sócrates, que se não tratava de uma simples e engenhosa fábula mas sim de uma história verdadeira e certa tudo quanto éle a tal respeito nos referia.

Percamos, por isso, uns minutos com este interessante problema, e fixemos primeiramente o que nos ensinaram sobre tal assunto:

— Que os gregos, em épocas remotíssimas, se viram a braços com uma terrível e temível invasão, vinda do Atlântico e proveniente de uma ilha, mais vasta do que a Lybia e a Ásia reunidas, e cujos extremos chegavam até às célebres colunas de Hércules, ilha que um dia, inesperadamente, desapareceu, engulida pelo mar enfurecido, no breve espaço de 24 horas.

Deste facto, desta lenda, fábula ou suposição, realidade ou mito, nasceu, através dos séculos, a discussão e a polémica, a afirmação e a controvérsia.

Existiu? Não existiu?

Onde? Quando? Como?

Rudbeck afirma que a Atlântida é a Escandinávia, mas a sua hipótese é inverosímil e inconsistente. Latreille inclina-se para a Pérsia, sem nos convencer da sua predileção, tão hipotética como a outra. Baer opina que a Atlântida não existiu e que as referências dos antigos são meramente um símbolo que diz respeito às doze tribus de Israel, e que o cataclismo a que Platão se refere seria apenas a destruição bíblica de Sodoma e Gomorra. Sarge nos ainda Bailly, e coloca-nos a Atlântida na Mongólia, com as mesmas razões com que a podia fixar em qualquer outro sítio. Oviédo e Buffon são de opinião que se trata apenas de uma parte da América, e Berlionx, contraditando-os, lança os seus olhos para o norte de África e para Marrocos.

Como vêem, se não se atrevem a negar a existência real, atribuem-lhe, no entanto,

tantos poisos que a gente fica sem saber, afinal, onde ficaria esse misterioso país dos Atlantes, que um grande cataclismo, há muito perdido nos escaninhos das idades, fizera totalmente desaparecer.

Totalmente escrevi eu, mas não mantedo a palavra, e o leitor vai já ver porque.

Há meses, porque sou um fervoroso admirador de Thomas Moreux, comprei um dos seus livros, sempre interessantes e sempre científicos, aliás já publicado em 1924, intitulado *Atlantide a-telle existit?*, e onde este curiosíssimo problema vem pôto com uma clareza admirável e com um interesse, para nós, portugueses, digno da maior expansão e divulgação.

Em primeiro lugar, Moreux põe o problema em equação—Lenda ou realidade? — e resolve-o, através do texto de Platão,

jugam perfeitamente com as maravilhas e a verdade do existente.

Vejamos agora quem, na antiguidade, descreu da existência real da afirmação platónica e quem a aceitou, sem reservas. No primeiro grupo há um só: Aristoteles. No segundo temos Homero, Diodoro da Sicília, Estrabon, Plutarcho, Plínio, Pomponio Mela, Arnobe. E todos estes a colocaram para cá da Espanha e do estreito de Gibraltar, ou fosse das colunas de Hércules.

E a Atlântida deu a Bacon a *Nova Atlântida*; a Frascator, célebre astrónomo do século XVI, um longo poema em latim, que o doutor Vyren traduziu em 1847; a Nepomuceno Lemerrier uma curiosa *Atlantide* onde a ciência e a mitologia aparecem de braço dado; outro poema ao marquês de Pimodan, até que, em 1877, apareceu Verdagner, o poeta máximo da Atlântida, que

no seu poema maravilhoso e magistral vence todos quantos até ali se haviam ocupado de tal assunto.

Em meados do século XVII, um máis jesuíta alemão, o padre Kircher, na sua obra monumental *Mundi Subterranei* (O Mundo Subterrâneo), havia marcado definitivamente o local exacto da ilha platónica: a oeste de Gibraltar, sobre a forma de ilha muito prolongada, de que as Canárias e os Açores não são mais do que vestígios.

Esta teoria ratificava-se, no começo do século XIX, Bory de Saint-Vincent, no seu livro sensacional «Ensaio sobre as Ilhas Afortunadas da antiga Atlântida, ou Compêndio de História Geral das Canárias», publicado em 1803, e no qual cientificamente se comprova tudo quanto afirmavam os escritores antigos.

Mais tarde, já na segunda metade do século XIX, as expedições científicas de Thomson e Carpenter (1861) confirmaram plenamente Bory de Saint-Vincent.

E Moreux, em 1924, afirma que, através os seus estudos científicos, a Atlântida existiu, na aurora dos tempos quaternários, precisamente onde Platão a colocou, junto à região oceânica onde se encontram e entrecroam o Atlântico e o Mediterrâneo, e que foi através das idades uma das partes mais instáveis do planeta.

Da velha e misteriosa Atlântida restam-nos hoje, portanto, os arquipélagos dos Açores e das Canárias, cujos habitantes são os legítimos sucessores dos desaparecidos Atlantes, de que Platão nós fala, e cuja



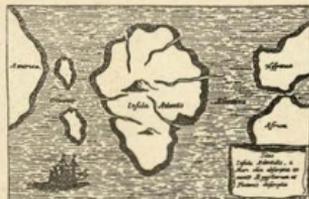
Da Atlântida só restam os Açores e os picos das mais altas montanhas do lendário continente

que transcreve quasi na integra, concluindo que a afirmação em si não tem nada de inverosímil nem de misteriosa.

E de dedução em dedução, de análise em análise, acaba por situar a Atlântida ao largo do estreito de Gibraltar, a cuja entrada os antigos colocaram as lendárias colunas de Hércules.

A Atlântida seria, então, uma ilha vastíssima, cujas florestas forneceriam as essências mais preciosas, os metais mais raros, as pedras multicolores, abundante de águas, riquíssima de tesouros, toda ela cheia de terrenos férteis e verdejantes. Olhando ao sul, resguardada dos ventos ásperos do norte, as suas ribas cortar-se-iam a pique sobre o mar tumultuoso.

Repare o leitor nestes dados, e verá como daqui a pouco, quando se disser onde ficava a Atlântida e o que dela resta ainda hoje, todos estes dados estão certos e con-



Situação da Ilha Atlântida, conforme a descreveu Platão

## A AMANTE DO TIGRE

(Continuação da página 9)!

já morreu ou já não se lembra de quem era o «Tigre». Essa pessoa é o filho daquele dr. Braz de Santarem que se suicidou há anos. Não sei porquê, tem um ódio mortal ao «Tigre». Quando o escritório estava na Rua do Crucifixo, ele perdeu noites sucessivas, num vai-ven paciente pelo passeio fronteiro, esperando o milagre de uma noite se iluminar a janela... E uma madrugada, quando, já cansado e desludido, resolvia recolher a casa, talvez para nunca mais repetir aquela tentativa, o milagre deu-se.

A pesar da sua atenta vigilância — o cavalheiro conseguiu entrar sem ser notado. Esperou perto de três horas. Por fim a luz apagou-se e o rapaz foi colocar-se na proximidade da porta. Depois — nova espera. A porta não se abriu. A luz acendeu-se de novo e de novo se apagou. Teria desconfiado? Não sei! O que sei é que um sauto desembocou na rua, e, afrouxando apenas a velocidade ao passar em frente ao prédio, recolheu o «Tigre», que ao mesmo tempo abriu a porta e pulava para dentro do carro. É muito possível que, suspeitando daquele transcendente, mandasse vir o «tauto» pelo telefone, dando instruções para não parar — mas apenas afrouxar. Não se ofereceram a curiosidade sôfrega do tal moço senão uns rápidos segundos — mas o bastante para ele o fixar para sempre na memória.



Encontraram-se na Avenida e ele confiou-lhe a sua vida para passar...

**A técnica, os «trucs» e as habilidades da féra**

O dossier que alguém colleccionou sobre o «Tigre» é um trágico e variado folhetim. O cavalheiro empresta facilmente dinheiro e poucas garantias exige. Ele conhece-se e tem absoluta confiança no seu sistema de cobrança. As vítimas caem-lhe sob a alçada — às dezenas por semana; vêm todas numa verdadeira agonia económica — e mal reparam no que assinam e tratam.

—Os juros são elevados para me defender — responde ele aos que lhe solicitam dinheiro —; e como não quero contas com a Justiça não incluo os juros na letra do empréstimo — fixando-o em outras letras à parte. O juro, diz ele, é de 20 por cento ao mês. A vítima julga que à medida que for amortizando a dívida ele calculará esses juros pelo restante. Isso sim. Se a dívida era de 10 contos a pagar uma conta mensal, como prestação, e dois contos de juro, o cliente, graças ao seu engenho e trucs, será obrigado a pagar dois contos de juro... até ao último mês, até dever-lhe apenas um conto!

memória viva dos homens.

Aqui está um assunto que se me afigura interessante para portugueses e espanhóis e que valia bem a pena ser profundamente e discutido pelos dois povos da Península, que mais próximos se encontram da submergida e curiosa ilha que os antigos gregos conheceram, e com os quais heroicamente batalharam.

JOÃO PAULO FREIRE

Outro sistema habitual seu é o de perdoar os últimos juros. O cliente aparece, radiante e convencido de que o «Tigre» teve remorsos; e o «Tigre», por intermédio do empregado — já se vê —, fá-lo assinar um novo documento quimicamente preparado. O texto que assina, desaparece do papel, sem deixar o menor vestígio, uma hora depois; e das entrelinhas surge um novo texto invisível, que, embora não lido pelo cliente, é rematado pela sua assinatura. Calculam a angústia desses infelizes, julgando-se libertos daquele tirano, ao receberem intimação para pagamento de uma dívida que eles ignoram — mas cuja legalidade a Justiça não tem outro remédio senão reconhecer.

A tinta simpática é frequentemente usada pelo «Tigre» na sua correspondência — e outras tintas prodigiosas que a química alemã descobriu. Os seus processos de cobrança não são inferiores aos de exploração. Ao menor atraso, se o cliente é empregado público ou de qualquer empresa importante, se é noivo de uma família muito honesta e severa, começa por expedir postais com avisos grosseiros: «Quando se resolve a pagar o que me deve? Não tem vergonha de explorar assim a generosidade dum amigo, sabendo que esse amigo tem filhos e que pouco tem para lhes dar a comer?» — para que os chefes ou os futuros sogros leiam, e acaba por se dirigir directamente a esses chefes e a essas famílias para que os clientes, ou busquem o dinheiro, seja como for, ou sofram, juntamente com o vexame, o desgosto de perderem o emprego ou a mulher que amam. Não são poucos os desfalques, as loucuras, os desempregos, as separações causadas pelo «Tigre». Mas estes são os meios mais suaves. Ele recorre a outros — aos mais desumanos — aos da ameaça de denúncia de graves intimitades ou mesmo de morte — o que... cumpre.

## Algumas proezas trágicas

Crimes, suicídios — todo um rosário de tragédias! E sempre impune — chamando-se hoje Vergílio Pinto, amanhã Jacob Tavares e depois Reis Sá ou Luis Machado — que todos estes tem usado, conforme o escritório esteja nesta ou naquela rua. E sempre ausente, escondido, o garantido! Recordam-se de uma cena de tiros à porta de um cinema na Avenida? Uma senhora de boa sociedade, ansiosa de luxar e tendo casado pouco mais do que modestamente, caiu nas garras do «Tigre». Pagou até onde pôde. Depois começou a sofrer a perseguição — a féra. Como último recurso, impôs-lhe certa transigência com um riço que a requestava. A tanto leste o miserável! O marido, avisado, seguiu-a, surpreendeu-a e feriu-a, a tiros de pistola, em plena Avenida. Nunca se soube explicar a



Foi durante uma viagem no Sud a caminho de Paris que...

causa do drama — e a causa era o «Tigre». Existem quadros inteiros de pessoal que vivem sob a ventosa e cruel deste vampiro. Os recibos dos ordenados estão-lhe empunhados — até aos anos mais distantes.

## A amante do «Tigre»

...Mas como alívio após tão negras páginas — a notícia que se segue: Alguém conhece a verdadeira personalidade do «Tigre» — alguém que quis vingar o que se sucedeu. E conseguiu-o! Ela — uma antiga artista de circo — fugiu há meses do «Tigre» para os braços do vingador! O «Tigre» ruge, nuia desespero sombrio e impotente!

Que sirva esta notícia de bálsamo aos que muito têm sofrido nas suas garras. Mas se o «Tigre» é o pior de todos — não é o único. São às centenas, os agiotes de Lisboa. Se todos tivessem uma amante — como o «Tigre»! Mas aqueles que não a tiverem — têm um jornalista à perna, um jornalista que não lhes perdoa os crimes do seu egoísmo furioso e cruel.

REPORTER X

## Jornais novos

Iniciou a sua publicação, em Silves, o semanário republicano *Vibração*, dirigido pelo sr. Manuel Guerreiro. Apresenta-se admiravelmente redigido e com esplêndido aspecto gráfico. Desejamos-lhe longa vida.

— Também recebemos a visita de um novo quinzenário republicano independente, *Jornal dos Carvalhos*, que se publica em Carvalhos, dirigido pelo sr. Santos Costa. Muitas prosperidades.

## Há anúncios... e anúncios

Na nossa recente reportagem sobre «Dramas e farsas que os anúncios ocultam» publicámos, entre outras ilustrações, o *fac-simile* de um anúncio clássico... «Empregada com boa apresentação, etc., necessita-se na Rua Mousinho da Silveira, 34... Ora... o Diabo tece-as, às vezes, sobretudo quando está manobrando nas trévas. O nosso dossier sobre o assunto arquivava uma carta anónima eloquentemente denunciando-nos a sombra chinesa que se recortava atrás desse anúncio, como se se tratasse de um caso de tráfico de brancas... Fomos procurados pelo engenheiro sueco, sr. Emilio Personne, director em Portugal da Electro-Lux, Lda, de Stokolmo, que nos declara que esse anúncio pertence à sua casa, o que basta para garantir a honestidade das suas intenções, não só porque a «Electro-Lux» representa muitas empresas de maior consideração mundial, como também porque o sr. Personne, suficientemente conhecido no nosso meio, foi um dos paladinos mais activos na ofensiva contra esse tráfico, no seu país. Trata-se, ao que se suspeita, de uma vingança mesquinha — e estamos na pegada de quem armou esta cilada. Não perde pela demora.

## O que fazem os autores de velhos crimes?

(Continuação da página 5)

morte do matador, Melo, o assassino, que se arriscou a uma evasão inverossímil e foi recapturado, durou apenas uns meses. E era um rapaz sadio, alegre, vivo, antes do crime...

Mas também os há felizes... Lembram-se disto e do caso da Munição que em 1907 se não deu em erro, se tornou em assunto do dia? Fuzilaram com a própria espingarda o oficial que o acabara de castigar; e defendendo-se a tiro dos que pretendiam prendê-lo, veio, numa corrida emocionante, do quartel da Estrêla à redacção do *Século* para declarar aos jornalistas as razões do seu crime. Depois — entregou-se. Foi condenado à pena máxima. Resistiu à clausura — e foi feliz no degrêdo. Hoje é um honrado comerciante em Angola.

Outro «reabilitado» é o célebre gatuno José de Albuquerque, conhecido na Polícia portueuse pelo sobriquet de «Excelência» — e esse data já de 1892! Filho de gente honrada, emigrou para o Brasil, onde se destacou como módo elegante, inteligente e culto. Vestia, de facto, irrepreensivelmente — sempre de sobrecasaca, chapéu alto, e falava vários idiomas. Regressou a Lisboa em 1874 — tendo apenas 22 anos — e começou então a sua vida aventureira. Ninguém desconfiava dele — nos palácios, nos joalheiros, nos hotéis — e, graças a essa confiança, escamoteava todos os objectos de valor que via ao seu alcance. Chegou a ser empregado superior de casas importantes — e de noite roubava os quartos dos hotéis onde se hospedava. Foi o único «hoteleiro» a valer que tivemos. Só em 1892 é que a Polícia descobre que é o gatuno que ela procura há... 18 anos. Julgado no 2.º distrito criminal do Porto, foi condenado a 8 anos de degrêdo. Tem então 40 anos — e a partir dessa data várias vezes o evocam, perguntando: «O que será feito de José de Albuquerque?» Pois bem: José Albuquerque vive principalmente hoje numa quinta dos arredores de Lisboa, com perto... de 80 anos. Em 1900 foi directamente do degrêdo para o Brasil, onde enriqueceu, repatriando-se em 1912, casado e com filhos, um dos quais é médico no Porto — e dos mais considerados.

Um crime, ou uma série de crimes, que teve celebridade, hoje esquecido, é o da «Estalagem de Macieira». Em 1890, regressou a Macieira, próximo de Barcelos, um filho da terra, que emigrou para o Brasil em pequeno: José Inácio, o «Má cara» (o apódo era justo). Vinha com alguns palacos, e casado com uma Adelaide de Jesus, mestica de Manaus, que a gente de Macieira alcunhou logo de «Índia» devido as suas feições recordarem... os Guaranyrs. O casal montou uma estalagem — a única do sítio... e viviam aliados de tudo quanto se passava na terra, sem amizades nem conhecimentos. Tanto bastou para criarem nil famas pouco lisonjeiras. Durante um período de dez anos a região sofreu uma verdadeira epidemia de desaparecimentos — semelhante à que se nota hoje outra vez...: hoje era o filho da Tia Joana que saíra depois do jantar e que nunca mais voltara; amanhã era o avrador Z... da vizinha Barcelos, que viera vender uma junta e que levára sumço. Espalhou-se um verdadeiro terror naquela gente, e ninguém sabia como decifrar o enigma. Segundo declarou, na época do escândalo, um reporter do «Janeiro» do Porto, que tratou do caso, o número de desaparecimentos naqueles dez anos subiu a vinte e tal. E tem sido muito mais se não fosse o... Acaso,

José Inácio teve um litígio com um vizinho dum quintarola que comprara a certa distância da estalagem — e metida a Justiça de perneio, não teve outro remédio senão ceder ao vizinho os palmos de terra que este reclamava como seu. Logo na primeira noite do vizinho tonar posse dessa zona, teve de enterrar uma cadela perdueira que lhe morrera esganada. Ao abrir a cova para o animal, a enxada bateu em algo que o alertou... Mandou vir mais luz; veio a luz e a família — e pouco depois... surgia um esqueleto humano. Avisado o juiz e aberta uma devassa, mais três esqueletos foram encontrados na propriedade do próprio José Inácio. Prêso este e a mulher, apertado com perguntas, acabou por irromper num choro convulso: «A culpa é tua, Adelaide! Fôste tu e a tua maldita ambição que me desgraçaram.» Explicação do mistério — tão falado na imprensa do sul e sobretudo do norte, no princípio deste século: A «Índia» tinha a sedução do seu próprio exotismo. Aproveitava que os homens que ela sabia bem endinheirados fossem à estalagem, para os emburrar. Combinava um encontro, na tal quintarola, «onde estariam à vontade». No momento combinado era ela própria quem sujeitava as vítimas — para o marido as ajudar. Depois... esvaziava-lhes a bolsa... e ajudava-as a enterrar.

Foram condenados, e segundo me disseram em Barcelos, a última vez que estive nessa embauladora cidade minhota, regressaram do degrêdo pobríssimos; mas, afrontando todos os perigos, pernottaram em Macieira — e no dia seguinte tornaram a comprar a fatídica quintarola, onde vivem ainda, ele com 76 anos, e ela com 68. Como, do dia para a noite, só com algumas horas de permanência no tablado dos seus crimes, arranjaram o dinheiro para essa compra? É outro mistério...

R. X.

## NEGÓCIOS QUE NÃO LEMBRAM AO DIABO

(Continuação da página 7)

brança das dividas renitentes, que são entregues nos seus escritórios, em «Square Cambridge», mostram bem a extraordinária imaginação e o espirito de inventiva do famoso filho de Israel. Primeiramente, e para que os devedores não possam alegar ignorância, convidam-os, por meio de carta, a irem satisfazer os débitos ao seu escritório, estabelecendo-lhes um prazo de dias para tal feito. Se, porém, aqueles caem na asneira de não fazerem caso do aviso, têm de sofrer as consequências do facto... Começa então a aparecer o seu nome incluído numa lista rotulada de «caloteiros», colocada nas principais praças de Nova-York, e que diz assim em letras garrafas:

### Aviso ao comércio e à indústria

*Avisa-se os senhores comerciantes e industriais de que não façam quaisquer transacções a prazo com as entidades abaixo mencionadas, as quais não oferecem garantias de pagamento de seus débitos.*

Segue-se a relação dos nomes dos devedores, relação essa que é simultaneamente publicada nos principais diários, gritada por dezenas de alto-falantes, passada em numerosos placards luminosos privados da agência, e afixada periódicamente nos mais diversos locais, desde os «eléctricos» até aos automóveis de praça...

É claro que a agência gasta imenso dinheiro neste sistema de descridério, mas o resultado é sempre compensador, se atendermos a que só se encarrega da co-

## RÚSSIA E ESPANHA

(Continuação da página 5)

\*\*\*

Entretanto, a Rússia prepara um exército como nenhum país, em nenhuma época (nem a Prússia, em 1913-1914), prepara. Eis algumas notas dum artigo que o *The Sphere*, de Londres, publica no seu último número: «No dia 1.º de Maio, os diplomatas estrangeiros passaram ao assistir ao desfile das tropas vermelhas, frente ao funeral de Lenin. Por muito que se soubesse já e que constasse, não calculavam tanto a União Soviética possui hoje dois exércitos: um regular, outro composto de milícias. Além das forças armadas de marinha e de aviação, possuem 50.000 homens do «Chou», 100.000 guardas de fronteira, 60.000 guardas de escolta, permanentes. Em caso de mobilização, reunindo regulares e milicianos, agrupam 12 milhões de homens, bem instruídos e armados. Existem cerca de 70 divisões de infantaria, cada uma com o efectivo, em tempo de paz, de 8.500 homens. A cada divisão agregam um esquadrão de cavalaria, uma companhia de engenheiros e um regimento de artilharia de campanha. O equipamento de cada regimento inclui 3 lança-bombas, 36 metralhadoras pesadas, 5 metralhadoras ligeiras, 9 peças de artilharia (Maclean, Hotchkiss e Rosenberg), uma secção de química de guerra e meia companhia de cavalaria. 18 7º regimentos de cavalaria activos e 18 territoriais, com 900 homens cada e 16 metralhadoras, e 18 regimentos compostos por gente de raça não eslava. A artilharia está organizada em 700 baterias divisionais, 420 regimentais, 76 de obuses e 150 especiais. Ao todo, contam com 1.500 baterias de artilharia de todos os sistemas e calibres modernos. As unidades técnicas constam de 17 batalhões de T. S. F., 50 de transporte, 15 de «padores de caminhos de ferro, e 10 regimentos químicos! Dispõem de 60 combatos blindados, 140 «autos» blindados, 250 transportes blindados para metralhadoras e morteiros. (No final de 1930, os Soviéticos compraram mais 40 «tanks» e 25 veículos blindados.) O orçamento militar passou de 692 milhões de rublos-ouro (1927), para 1.390 milhões (1931). A aeronautica possui 1.200 aeroplanos do exército activo, 250 de reserva, e 200 para defesa aérea e química! A marinha possui 50 «hidros» no Báltico e 25 no Mar Negro. Este ano estão sendo instruídos 15.000 pilotos. Mandaram construir numerosos aerodromos na fronteira da Índia e da China. O «Serviço de Instrução Civil do Exército Vermelho, que é o comando superior no estilo criado por Trotsky, publica, em toda a Rússia, 60 jornais de propaganda, e dirige 800 clubs de soldados e oficiais.»

*The Sphere* é um jornal honrado. Devemos acreditá-lo; e, acreditando-o, devemos reflectir, e muito, sobre o problema espanhol.

brança de grandes dividas... E uma firma comercial que tenta a infelicidade de ser atendida por este *reclamo gratuito* só com muita dificuldade consegue depois fazer-se acreditar novamente no mercado — porque a primeira coisa que os seus habituais fornecedores lhe fazem quando têm conhecimento do caso — e isso dá-se fatalmente — é retirarem-lhe todo o crédito...

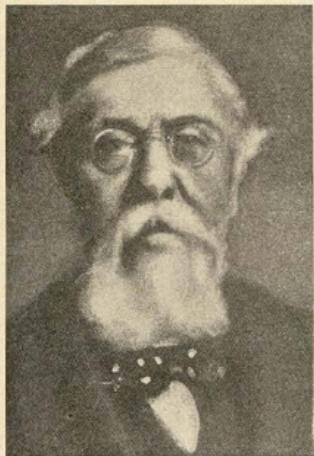
Ao seu serviço, conta para cima de quinhentos empregados, utilizando-se dumha brigada de agentes de informações, composta de quarenta e cinco dos mais experimentados detectives particulares...

AMÉRICO FARIA

**FALLIERES, o ex-Presidente da França**  
Episódios da sua vida  
— «Merci pour la langouste». — O caso do embaixador persa — O jornalista português, o retrato e a escorregada.

**F**ALLIERES, que acaba de morrer na vizinhança dos 90 anos, foi um dos presidentes mais populares da República Francesa. Nasceu em bérço pobre e entronizou-se na mais alta magistratura, sem uma quebra de espírito, de alma ou de carácter. Os homens definem-se pelas anedotas que criaram — desde que essas anedotas sejam verídicas. Citaremos algumas.

Sua esposa, modesta como elle (*Madame Fallières*, quando lhe annunciaram a eleição do marido chorou amargamente, exclamando: «Nós éramos tão felizes... e agora o que vai ser a nossa vida!»), sua esposa, diziamos, fóra empregada em Nîmes, numa sucural do célebre Prunier, o mais famoso restaurante e vendedor, por grosso



Fallières

e a retalho, de mariscos de todos os géneros. Havia uma história dêsse tempo que os poucos adversários de Fallières reviveram durante a sua presidência, para o apoucar, chegando a imprimirem postais, ilustrados com a caricatura de *Madame Fallières* e sublinhados pela frase que servia de estribillo à anedota: «*Merci pour la langouste...*» (Obrigada pela lagosta!) Numa «soirée» do Elysee, assistia um embaixador da Pérsia, cuja irmã, chamada Lankust (nome feminino vulgar no seu país, creio), fóra raplada por um «chauffeur». O escândalo ecoava ainda nos salões cosmopolitas da Etoile e nos modistos de Vendôme, mas o diplomata dava-se ares de pessoa superior. A meio de uma palestra com os esposos Fallières, soltou uma «gaffe» tremenda, a propósito de petiscos e guloseimas internacionais: — «Quem deve

# Reporter X em todo o mundo

## A VIDA, A MORTE, OS MISTÉRIOS, OS ESCANDALOS

gostar muito de marisco é a senhora presidente...» — «E porquê?» — inquiriu Fallières, muito calmo, embora, à sua volta, todos os rostos empalidecessem. — «Porque...» — gaguejou o persa, já consciente da gravidade da sua indiscreção... — «porque me disseram.» — «Ah! Senhor Embaixador — retorquiu o Presidente —, não se deve fazer caso do que se diz. Também dizem que eu répto muitas vezes: «*Merci pour la... Lankust*», e, afinal, são outros que a recebem. Fallières fizera um «calembour» entre «langouste» (lagosta) e o nome da irmã raplada do embaixador, Lankust, e o gracioso diplomata é que ficou vexadíssimo.

Outra, referente a um desses pseudo-jornalistas portugueses, que só o são para participarem das poucas vantagens da classe e para envergonharem com as suas «gaffes» os verdadeiros profissionais. Não sei já qual o motivo de certa visita oficial a Paris: o que sei, porém, é que o tal se incrustára na comitiva dos reporteres portugueses e por isso fóra beneficiado pela gentileza com que Fallières acolhera a todos. Na véspera do regresso, cada jornalista teve uma lembrança discreta, embora modesta, para com o Presidente. O nosso homem quis imitar os pseudo-colegas, e julgou-se inspirado pelos deuses oferecendo um retrato seu a Sua Excelência. Fallières recebeu o brinde, com esforçada seriedade; mas o falso repórter tantos salamaledes fez que, escorregando no «parquet» do gabinete, se estendeu ao comprido. Não pôde Fallières conter uma gargalhada, e ao notar o cartão envergonhado que a ridícula personagem pusera, tentou desculpar-se: «Não me ri da sua queda... Foi do retrato...» Pior a emenda...

Fallières era um sincero. Era do povo. E por isso toda a França sentiu a sua morte, como aplaudira o seu governo de sete anos...

**SANTIAGO RUSIÑOL — Pintor escritor e boémio... As noitadas. A fábula das moedas de 5 pesetas por 2 pesetas.**

**S**ANTIAGO Rusiñol foi, depois de Angel Guimerà, e acima de Amichatis, o embaixador, no teatro, do espírito, das ânsias, de toda a vida íntima dos catalães.

Rusiñol era o comediógrafo, o esteta, o romântico sorridente, o escritor que escrevia como pintava, o pintor que pintava como escrevia. Estou a vê-lo, a guedelha grisalha, a barba abundante a emoldurar-lhe o rosto forte, másculo, e uns olhos grandes mas ensonados, num misto de ternura, de sensualidade e de cansaço... Apresentaram-me pouco depois de Adeline Abbraches ter criado, em português, no Nacional, a sua peça *A Mãe*. Foi no camarim de Palmira Torres. Tinha então 60 anos, e parecia um rapaz, na viveza, na agilidade, na saúde. Passaram-se anos e fui encontrá-lo, vizinho dos setenta, per-

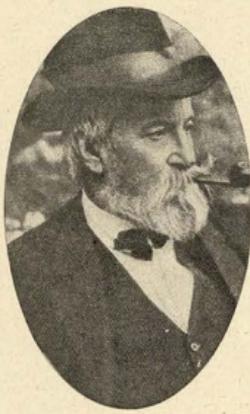
dendo todas as noites até ao nascer do dia, nos «cabarets» cosmopolitas de Barcelona, fumando o seu cachimbo, bebendo «whisky», picando-se de morfina e amando, com altivez de jóvem, as mais belas «girls» do *Palace* e do *Alhambra*.

Se elle era assim depois de velho, o que seria na m o e idade! Contam-se dêsse centenas de anedotas, recordo agora a que segue: Acompanhado por um grupo de artistas da sua témpora, emprendeu

uma «tourné» pela Catalunha.

Numa das feiras de aldeia que elle surpreendera durante a viagem, resolveu fazer de... feirante. «Que diabo vais tu vender a êsses papalvos?» — indagaram os amigos. Não respondeu; alugou um local, montou uma barraca, encaenou a cabeça num «fez» turco, arranjou um estendal de moedas de «duro» (cinco pesetas) com toda a prata que encontrára nos bolsos, e affixou o seguinte cartaz: «Aqui se vendem os «duros» mais baratos do mundo. Cada «duro» custa apenas duas pesetas!» — «Estás louco!» — exclamaram os outros. — «Vais perder um dinheirão.» — «Enganam-se... Vocês verão...»

Todos os aldeãos paravam frente à barraca, boquiabertos, maravilhados, cobrindo tão belo negócio. Pegavam nas moe-



Rusiñol

das, mordiam-nas, batiam com elas na pedra, cheiravam-nas, apalpavam-nas, mas rêm um só ousou comprá-las. Tornavam a collocá-las no tableiro e debandavam, sorrindo-se com ares de espectralhões, como quem dissesse: «Tu a mim é que não me comes, porque sou mais inteligente do que tu pensavas.» — «Vocês vejam — disse depois Rusiñol. — Não ganhei, mas também não perdi. Perderia se esta gente não fôsse...» — «ne é: *nd!* E a maldade que os impede de comprarem autênticas 5 pesetas apenas por duas. E porquê? Porque, como são *mauz*, não admitem que haja homens bons, como eu, que estava disposto a arruinar-me só para os ver contentes!!!»

E era, de facto, um bom, Santiago Rusiñol. Um bom com muito talento!

## TSF...X

**H**A muito que o Reporter X se prepara para publicar uma reportagem sobre os larâpios elegantes e impunes, desses que limitam o seu campo de acção às casas amigas ou a estruça em que, mesmo descobertos, possam evitar o escândalo. Esses cavalheiros, que são numerosos e... muito considerados, atingem uma desvergonha tal que não podem permanecer por mais tempo na sombra. Um dos nossos reportes trouxe-nos hoje *mais um* para o nosso ficheiro. Ele conta: «Entre na confeitaria Z... (uma das melhores frequentadas de Lisboa), e para não perder tempo, lanchei mesmo de pé, junto ao balcão. Notei que a entrada de certo cliente — um moço dos mais distintos, cujo nome sirandou ainda há pouco pelas gazetas, a propósito de uma festa «chica», de caridade — alarmára o patrão, e que este, abandonando o que estava a fazer, segredou ordens aos caixeiros, que nunca mais desfilaram o recem-chegado. Este cumprimento para a direita e para a esquerda, esterilizou-se num ademe feminino e começou a saltitar de montra para montra, de tableiro para tableiro... A insistência com que o vigiavam obrigou-me a vigiá-lo também; e embora começasse tarde, ainda o surpreendi a escoregar punhados de *bonbons*, de *shiks* e de *drops* ingleses para os bolsos, acompanhando este ilusionismo com um ininterrupto mastigar de bolos, de *spets-choux*, de «*crèmes*», de pastéis... Por fim, abordei um dos caixeiros. — «Quantos foram?» — inquiriu o caixeiro. — «Três? Que desceramento! O caixeiro fez uma carreta, consultou com o outro moço do patrão, e este assoprou. Pagou e partiu. Agora, as confidências do patrão, por quem puxei depois pela língua: O senhor não calcula. Hoje foram oito bolos e só pagou três, mas há duas em que o moço é muito maior! E isto sem falar no que escamoteia pelas algibeiras. E se fosse só ê! Contam-se às dúzias, e olhe que todos ou quasi todos são meninos «chics», como êste! No mês passado, só numa semana, tive um prejuizo de centenas de escudos, graças a êstes larâpios elegantes. E pobre do confeitiro que ouse protestar. Vingam-se, espalhando um ambiente caluniador em volta da casa, e perdesse a frequência.»

Se os leitores soubessem o resto... Mas isso fica para a tal reportagem...

\*\*\*

**N**ÃO somos chauvinistas, nem os xenofobos, a pesar da simpatia que nos inspira a revolta chinesa, nos contagiaram o seu vírus. Indignam-nos quando injusta ou indelicadeza que se cometa contra os estrangeiros, mas é preciso também que os estrangeiros não se julguem aqui como colonos em terra conquistada do ultramar. Vive em Lisboa um comerciante que veio de longínquos países europeus para proclamar a quem o escuta que nós, os portugueses, somos parvos de todo e que êle faz o que lhe apetece graças apenas ao facto de ser estrangeiro. — «Quando quero impôr-me — disse algures —, vicio a minha pronúncia, apesar de falar correctamente o português, porque assim vêem logo que não sou nacional, e portanto obedecem-me como escravos!». Este cavalheiro, que é bem conhecido, vai mais longe: afirma que foi espiã, durante a guerra, a favor dos alemães, e portanto contra Portugal.

Mas é outro o assunto que pretendemos focar. Existe, na Baixa, há muitos anos já, uma casa estrangeira, cujos patrões ou chefes capricharam, ultimamente, em ultrapassar as fronteiras da paciência nacional com os seus modos imperpentes. Os seus rostos exprimem o mais nobre dos desprezões pela clientela. Outro dia, estando uns amigos nossos a almoçar nessa casa, assistiram a uma cena que os infligiu. Entrará pouco antes uma dama, magra, precocemente envelhecida, vestindo com uma modéstia de pobre... asseada, e em cuja fisionomia se notam vestígios de muita lágrima, de muita dôr. Conhecia-na. Essa senhora possuía já uma grande fortuna e frequentára a nossa melhor sociedade. A fatalidade reduziu-a, em semanas, à miséria, e hoje é obrigada a esfaltar-se num trabalho desgastante para se manter e sustentar a mãe. Ao passar por ali, vir a anúncio dum guloseima que nos tempos aureos e ainda recentes saboreava com frequência. Entrou-lhe a nostalgia do passado e a tentação infantil de entrar. Contou o dinheiro, moeda por moeda: chegava! Entrou e sentou-se. Mal a pobre senhora iniciára o seu lanche — com que idade ela recordava o passado — uma senhora estrangeira, dona ou gerente, acorreu-se e, em voz bem alta e em termos bem cruéis, como para que todos os que lá estavam ouvissem, lembrou-lhe uma dívida antiga, exigiu-lhe o pagamento: *No tem dinheiro e está a comer gulodices?* As lágrimas serpentearam logo pelo rosto da desditada dama; e, vexada até à tortura, abandonou o lanche, tão snulamente iniciado, e fugiu do estabelecimento.

\*\*\*

**P**ORTUGAL é o país das *coeries* literárias, do elogio e socorro mútuo, mas também da aliança secreta, quasi da conjura, para que naufraguem num oceano de silêncio e de trevas os que não aderem, que são precisamente, com raras excepções, os que valem, os senhores de um real e autêntico talento artístico. Algumas dessas *coeries* funcionam com esperteza e acertam no alvo; outras, coitadas, nem com fogo de vista de Viana; nem com os mais perversas calúnias contra os... outros conseguem destacar-se. Conheçemos alguns membros dessas *coeries*, e admiramos-lhes a pachorra... Passam o dia ao telefone ou a escrever cartas, ou a solicitar favores... E o mais cínico desses vaidosos é a sua máscara de modéstia. Acabam de impingir um reclamo exagerado, de pedir o retrato na primeira página do *Século*, de afirmar que são os Pirandellos ou os Albert London ou os Ortega y Gasset de Portugal, e logo a seguir, alvam os olhos, cruzam as mãos e murmuram: «Você bem sabe, meu querido camarada, que não existo, ingenuamente modesto do que eu sou...» Outro dia, num livreiro da Rua Nova do Carmo, desenrolou-se uma cena consoladora. Estavam três escribas bem categorica (dois dos quais rimadores de versos) a *flirtar* adjectivos, a jurar que dentro deles e só dentro deles ardia a labareda do génio, quando alzuém êllo o nome e o último livro dum autêntico poeta, dos poucos e verdadeiros poetas de raça da actual geração. Jesus, cá tu Troia! Não houve pedra que não lhe atirassem: — «O que vale — arriscou um deles — é que o público tem fero e só compra do que positivamente gosta.» Interrompeu-se a palestra, porque por detrás de uma pirâmide de livros, a voz do livreiro (também existem livreiros ironistas) erguera-se, prezantando a um empregado: — «Quantos volumes restam da última obra do sr. Fulano? (Fulano era o que estava a apoucar o poeta ausente.) — Restam 421,



Se as palavras fossem setas envenenadas...

dos 425 que vieram! — respondeu o caixeiro. — «E da última obra do sr. Cicrano?» (Cicrano era... um poeta ausente.) — «Restam 20, do último milhar que veio.» A cara que êles fizeram, só vista. Descrita não tem graça...

O poeta ausente, a que êles se referiam, era António Botto, e o livro esgotado (após tanta edição) *Canções*. Eles, de facto, não se equivocaram ao dizer que o público sabe escolher. Um poeta que compõe quadras como esta:

*Afirmar que a vida é breve,  
Engano, — a vida é comprida:  
Cabe nela amor eterno  
E ainda sobeja vida...*

...é incontestavelmente um altíssimo poeta.

\*\*\*

**O**S factos confirmam a cada passo a nossa asserção de que para exercer a profissão de médico não basta ser-se competente, sob o ponto de vista científico, é necessário que dotes mais altos de bondade de coração e de grandeza de alma apoiem êsse mister que tem um sentido profundamente altruista.

Sentindo-se doente, um pobre chefe de família consultou, há dias, um médico, que lhe disse ser necessário fazer imediatamente uma operação cirúrgica. Quanto lhe custaria essa operação? Vinte contos! Nada mais, nada menos: vinte contos. O doente não a faria por menos. O desgraçado enfermo não possuía de seu, ao que parece, nem vinte escudos. Mas se o médico fizesse a mercê de reduzir os seus honorários, vendendo, empenhando, pedindo emprestado, arrancando ao estômago da família, talvez êle conseguisse uma quantia compensadora. Movem-se empenhos, amigos supplicam junto do facultativo, e êste, por muito favor, reduziu o seu pedido para cinco contos.

Cinco contos! Era ainda o inacessível para o desgraçado. O médico vivia bem, tinha fama de benemérito, já dirigira o Hospital de S. José, e ainda hoje está à frente de uma enfermaria que tem o nome de um santo caritativo. As súplicas do doente apenas obtiveram do famoso médico esta resposta, que nos abtemos de comentar:

— Quem não tem dinheiro não tem doenças!

---

---

# NOVELA N.º 23

Quinta-feira, 9 de Julho de 1931



O "RATO  
D'HOTEL"

SENSACIONALÍSSIMO  
ORIGINAL DE PEDRO MARILL

LEIAM

---

---